



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba



PROFLETRAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES

PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA

COORDENAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

EVANDRILÉIA DAVID BRAZ SILVA

**BRINCANDO COM NARRATIVAS: o incentivo à leitura a partir do trabalho
com Contos de Fadas**

GUARABIRA/PB

2020

EVANDRILÉIA DAVID BRAZ SILVA

**BRINCANDO COM NARRATIVAS: o incentivo à leitura a partir do trabalho
com Contos de Fadas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – Profletras, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramento

Linhas de pesquisa: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Iara Ferreira de Melo Martins

GUARABIRA - PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586b Silva, Evandrielle David Braz.
Brincando com narrativas [manuscrito] : o incentivo à leitura a partir do trabalho com Contos de Fadas / Evandrielle David Braz Silva. - 2020.
106 p. : il. colorido.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Profissional em Letras em Rede Nacional) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins, Departamento de Letras - CH."
1. Leitura. 2. Estratégias de leitura. 3. Contos de fada. 4. Ensino. I. Título

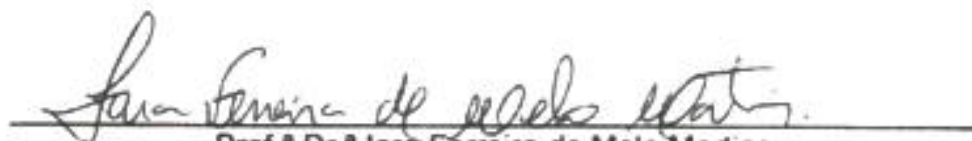
21. ed. CDD 028

EVANDRILÉIA DAVID BRAZ SILVA

**BRINCANDO COM NARRATIVAS: o incentivo à leitura a partir do trabalho
com Contos de Fadas**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação Mestrado Profissional em
Letras – Proletras, da Universidade
Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III,
como requisito para obtenção do título de
Mestre em Letras.

Aprovada em: ____/____/____.



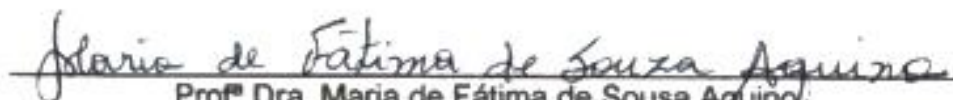
Prof.ª Dr.ª Iara Ferreira de Melo Martins

Universidade Estadual da Paraíba (Orientadora - PROFLETRAS/UEPB)



Profª Dra. Carla Alecsandra de Melo Bonifácio

Universidade Federal da Paraíba (Examinadora - PROFLETRAS)



Profª Dra. Maria de Fátima de Sousa Aquino

Universidade Estadual da Paraíba (Examinadora - PROFLETRAS/UEPB)

*À minha mãe e ao meu esposo, pelo incentivo,
paciência e compreensão durante todas as etapas
dessa jornada*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela vida, saúde, amor e sabedoria a mim oferecidos.

Aos meus pais, meus familiares e meus amigos pela paciência, confiança, respeito e carinho a mim ofertados.

À Prof.^a Dr.^a Iara Ferreira de Melo Martins, pela atenção, paciência, disponibilidade e orientações proporcionadas.

Aos amigos Tatiana Soares e Edito Romão, pela parceria, pelo acolhimento e por todo o incentivo e auxílio durante a minha trajetória no Profletras.

A Cleycikleber, pelo apoio e atenção dispensados a nossa turma.

Às professoras Carla Alecsandra e Fátima Aquino pela leitura do meu texto e pelas contribuições.

A todos os professores do Profletras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB (Campus III), pelo apoio cotidiano, pela força, confiança e pelas significativas contribuições para minha formação pessoal, profissional e cidadã.

A todos, muitíssimo obrigada!

“ ‘Era uma vez, num reino distante...’ – esta é a senha, a fórmula mágica que descerra ao leitor ou ao ouvinte as portas de outro mundo, um mundo ambíguo, que atrai e atemoriza. ”

(Vera Maria Tieztmann Silva, 2009, p.68)

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão acerca da utilização de contos de fadas no desenvolvimento de habilidades leitoras em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Mari-PB. A escolha por esse gênero se deu pelo fato de essa narrativa ser mais acessível na escola e, especialmente, por constituir uma das leituras mais ouvidas e/ou contadas desde cedo para as crianças. Tem como objetivo geral analisar a eficácia da utilização de contos de fadas como uma estratégia de leitura imprescindível para o desenvolvimento das habilidades leitoras desses alunos. Para isso, são apresentadas discussões embasadas em autores como Pietri (2009), Kleiman (1993), Marcuschi (2008), Geraldi (1996), Koch (2002), Dolz e Schneuwly (2004), dentre outros. O estudo é de natureza qualitativa, embasada em uma pesquisa de nível exploratório e terá como intervenção a aplicação de atividades de leitura na turma em estudo. Caracteriza-se como sendo uma pesquisa-ação de natureza descritivo-interpretativa, uma abordagem qualitativa, a qual apresenta um enfoque ao gênero textual contos de fadas, através do uso de oficinas de leitura baseadas nas estratégias de leitura de Solé (1998). Mediante as reflexões desenvolvidas, observou-se que, efetivamente, o uso de contos de fadas, como estratégia de leitura, auxiliou na construção do saber leitor e no desenvolvimento das habilidades leitoras dos alunos.

Palavras-chave: Leitura, Estratégias de Leitura, Contos de Fada, Ensino.

ABSTRACT

The present work presents a reflection on the use of fairy tales in the development of reading skills in a class of the 4th year of Elementary School in a public school in the municipality of Mari-PB. The choice for this genre was due to the fact that this narrative is more accessible at school and, especially, because it constitutes one of the most heard and / or told readings from an early age for children. Its general objective is to analyze the effectiveness of using fairy tales as an essential reading strategy for the development of these students' reading skills. For this, discussions based on authors such as Pietri (2009), Kleiman (1993), Marcuschi (2008), Geraldi (1996), Koch (2002), Dolz and Schneuwly (2004), among others, are presented. The study is qualitative in nature, based on exploratory research and will involve the application of reading activities in the study group. It is characterized as an action research of a descriptive-interpretative nature, a qualitative approach, which presents a focus on the textual genre fairy tales, through the use of reading workshops based on the reading strategies of Solé (1998). Through the reflections developed, it was observed that, effectively, the use of fairy tales, as a reading strategy, helped in the construction of reader knowledge and in the development of students' reading skills.

Keywords: Reading, Reading Strategies, Fairy Tales, Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – IDEB – Resultados e Metas	42
---	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Você gosta de ler?	52
Tabela 2 - Você gosta de ouvir histórias?	52
Tabela 3 - Você gosta de contar histórias?	52
Tabela 4 - Quais os tipos de histórias que você mais gosta?	53
Tabela 5 - Já ouviu falar em contos de fadas?	53
Tabela 6 - Cite alguns contos de fadas que você conhece.	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 2: Descrição da primeira oficina temática.....	51
Quadro 3: Descrição da segunda oficina temática.....	55
Quadro 4: Descrição da terceira oficina temática.....	57
Quadro 5: Descrição da quarta oficina temática.....	59
Quadro 6: Descrição da quinta oficina temática.....	60
Quadro 7: Descrição da sexta oficina temática.....	62
Quadro 8: Descrição da sétima oficina temática.....	63
Quadro 9: Descrição da oitava oficina temática.....	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A LEITURA NUMA PERSPECTIVA SOCIAL.....	14
2.1	Reflexões sobre a concepções de leitura.....	14
2.2	Dificuldades de leitura – um desafio a ser superado.....	17
2.3	Estratégias de leitura: a prática em sala de aula.....	23
2.4	Estratégias de Leitura: como proceder antes, durante e depois da leitura?.....	27
3	DA LEITURA AO MUNDO DA FANTASIA: o trabalho com o gênero conto de fadas.....	32
3.1	Tipologia e gênero: situando o conhecimento leitor.....	32
3.2	As narrativas: desenvolvendo a leitura a partir do mundo da imaginação.....	35
4	PERCURSO METODOLÓGICO	41
4.1	Espaço escolar.....	41
4.2	Sujeitos.....	42
4.3	Dispositivos metodológicos.....	43
4.4	Proposta de intervenção para a turma.....	44
5	INCENTIVO À LEITURA: contar e recontar histórias – análise dos dados.....	50
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS	71
	ANEXOS.....	73
	APÊNDICE	106

INTRODUÇÃO

O incentivo à leitura em sala de aula constitui um dos campos da docência mais discutidos atualmente, tendo em vista que tem crescido, nos últimos anos, no Brasil, uma grande preocupação em garantir que as crianças que são alfabetizadas se tornem verdadeiras leitoras. Nesse contexto, pensa-se que o fato de a leitura não ser um hábito diário da maioria dos brasileiros faz com que professores demonstrem preocupação com a realidade escolar no que diz respeito a essa prática. Na mesma perspectiva, alguns professores, por sua vez, não sabem como promover condições verdadeiramente favoráveis ao bom desenvolvimento da leitura, de forma a contribuir para a formação de bons e efetivos leitores.

É importante salientar que existem diversos indicadores nacionais de educação como: o Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (IDEB), o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e os resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que possibilitam a visualização dos resultados obtidos nas salas de aulas. A exemplo disso, tem-se os indicadores que avaliam o desenvolvimento em leitura, por exemplo, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB – o qual avalia a proficiência em leitura e interpretação de texto dos alunos da educação básica.

Nessa vertente, justifica-se aqui a presente pesquisa como forma de refletir sobre a realidade educacional no tocante ao IDEB e a prática de leitura. Em 2015, a instituição obteve um índice de 2,6 no IDEB quando a meta era 4,0. Já em 2017, 3,2 quando sua meta era 4,3. Observa-se que a escola ainda não conseguiu alcançar o nível esperado em perspectivas na avaliação de leitura dos alunos. Nota-se, pois, a urgente necessidade da busca de reflexões e melhorias nas propostas e práticas de incentivo à leitura em sala de aula a fim de que se tenham possibilidades mais eficazes para a formação de leitores mais ativos.

Para trabalhar o incentivo ao hábito da leitura, nesse contexto, optou-se pelo gênero textual Contos de Fadas, o qual se trata de uma narrativa breve, que possui enredo, tempo, espaço, personagens e narrador. Essa escolha se deu pelo fato de essa narrativa ser mais acessível na escola e, especialmente, por constituir uma das leituras mais ouvidas e/ou contadas desde cedo para as crianças. Na mesma perspectiva, Gancho (1995, p. 8) afirma que “o gênero conto de fadas se caracteriza

por ser uma narrativa curta que condensa o conflito, o tempo e o espaço, bem como representa um número reduzido de personagens”.

Dessa maneira, trabalhar com os contos de fadas no incentivo à prática de leitura torna-se uma tarefa dinâmica e motivadora que facilita e auxilia o desenvolvimento das atividades para incentivar o aluno a desenvolver o hábito de ler e, ao fazê-lo, tornar-se um leitor crítico e proficiente. Nesse contexto, se propõe aqui a intervenção através da execução de oficinas de leitura baseadas nas estratégias de leitura de Solé (1998).

Como objetivo geral, a proposta pretende analisar a eficácia da utilização de contos de fadas como uma estratégia de leitura imprescindível para o desenvolvimento das habilidades leitoras dos alunos do 4ª ano de uma escola pública do município de Mari – Paraíba. E como objetivos específicos: a) refletir sobre a leitura, suas formas de desenvolvimento e sua relação com a formação do cidadão; b) analisar a prática docente enquanto mediadora do incentivo à leitura; c) aplicar uma proposta de intervenção/ oficinas de leitura utilizando contos de fadas; d) levar o aluno a identificar os elementos constitutivos do gênero conto de fadas; e) aplicar questionário para sondar o hábito/gosto pela leitura dos contos de fadas

As discussões, que formaram o estudo, foram embasadas nas reflexões de autores diversos que discutem a leitura, como Pietri (2009), Solé (1998), Kleiman (1993), além de autores que embasam as concepções de linguagem e os gêneros textuais, a exemplo de Geraldi (1996), Bakhtin (1997), Koch (2002) e Marcuschi (2008). O estudo se caracteriza como sendo uma pesquisa-ação de natureza descritiva; presou-se por uma abordagem qualitativa, que apresentou um enfoque na aplicação de oficinas de leitura desenvolvidas com o gênero textual contos de fadas. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública do município de Mari – PB, em uma turma de 4º ano, com 22 alunos distribuídos em uma faixa-etária que se estende de 9 a 12 anos.

Sendo assim, para uma melhor compreensão do estudo desenvolvido, bem como da proposta de intervenção, organizamos esse trabalho em cinco capítulos: o primeiro apresentou uma reflexão sobre a leitura, suas concepções, estratégias de leitura e sua influência na prática docente. Posteriormente, no segundo capítulo, foi apresentado um panorama geral do gênero textual contos de fadas como instrumento na prática do incentivo à leitura. No terceiro capítulo, foi descrito o percurso metodológico que embasou este trabalho. Já no quarto capítulo, foi

apresentada a análise dos dados obtidos a partir da pesquisa e, no quinto capítulo, se apresentaram as considerações que enfatizam as reflexões acerca da temática estudada e da proposta desenvolvida. Por fim, as referências que embasaram as discussões aqui apresentadas.

2 A LEITURA NUMA PERSPECTIVA SOCIAL

Neste primeiro capítulo, serão apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa no que se refere à prática da leitura na escola. Faremos algumas reflexões sobre as concepções de leitura antigas e atuais. Em seguida, abordaremos acerca do uso de estratégias de leitura na sala de aula como um suporte no desenvolvimento das habilidades leitoras, finalizando com uma reflexão sobre a influência dessas estratégias na prática docente.

2.1 Reflexões sobre a concepções de leitura

A leitura é de forma indubitável uma necessidade inerente à vida de cada pessoa, afinal, é por meio dela que o indivíduo, desde muito pequeno, começa a descobrir palavras, imaginar histórias, criar situações etc. O hábito de ler proporciona, assim, momentos de interpretação, reflexão e socialização, não apenas na vida escolar, mas também na família e na comunidade. Martins (2007) afirma que ler não é somente decodificar símbolos, mas interpretar e construir significados, criar e recriar conhecimentos; de acordo com a autora, ler é a capacidade de refletir criticamente a respeito daquilo que foi lido.

Para a autora supracitada, a leitura acontece quando ficamos diante de experiências diversas do cotidiano que nos fazem refletir acerca de possíveis resoluções; quando pensamos em conceitos, associações de significados e procedimentos distintos que nos fazem entender aquilo que nos cerca.

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leitura, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa (MARTINS, 2007, p. 17).

Por essa linha de pensamento, percebemos que na leitura há interferência dos conhecimentos adquiridos, especialmente do conhecimento de mundo. Assim,

no ato da leitura, o leitor pode fazer relação da realidade em que se encontra com o que lhe é apresentado na leitura.

Freire (1984, p 11) se posiciona a respeito da leitura, afirmando que “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. Nesse sentido, é inegável a compreensão do conceito de leitura em uma perspectiva totalmente voltada para a visão de mundo e para o conhecimento prévio do leitor. Para esse autor, ler consiste em uma atividade prática constante.

De acordo com Silva (1987), ler em última instância não pode ser tido apenas como uma ponte para a tomada de consciência, mas como uma forma de existir a partir da qual o indivíduo interpreta e compreende a expressão registrada pela escrita e, a partir daí, passa a compreender-se no mundo em que está inserido.

Numa perspectiva social, Geraldi (1996) se posiciona a respeito dos conceitos de leitura e de escrita como práticas efetivamente sociais. O autor afirma que o ato de ler não pode ser entendido de outra forma a não ser como um ato de interação e interlocução; construindo-se mediante um processo de construção gradativa de significados e de formação de sentidos. Em suas reflexões, o autor assegura que:

Aprender a ler é, assim, ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontraremos frente a frente e, por interagirmos com elas, somos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações. Isto é ler (GERALDI, 1996, p. 70).

Para o autor, leitura é a ampliação de nossa capacidade de interação com o outro, ou seja, de compreender como as pessoas se relacionam, mesmo quando nem mesmo as conhecemos. Dessa forma, aprender a ler é aprender a conhecer, conviver e interagir com o modo como a sociedade compreende o mundo.

Segundo Koch (2002),

A leitura é uma atividade altamente complexa de produção de sentidos que se realiza evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (KOCH, 2002, p.57).

Nessa perspectiva, a leitura deve ser realizada de forma significativa e contextualizada, que leve em conta as experiências do aluno enquanto participante do processo de aprendizagem. Os alunos precisam perceber que a leitura

proporciona possibilidades de criação e recriação, através de estratégias que estimulam a busca pelos saberes contidos no texto. As crianças leem quando os textos apresentam significados para elas.

Ademais, conforme Antunes (2003):

Uma atividade de leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal – quase sempre, nessas circunstâncias, não há leitura, porque não há “encontro” com ninguém do outro lado do texto. (ANTUNES, 2003, p. 27)

De acordo com a autora, a atividade de leitura é uma atividade de interação entre sujeitos, na qual o leitor é capaz de se envolver com o texto a fim de apreender os saberes que surgem no decorrer da leitura. Essa interação entre texto e leitor mostra a possibilidade de formarmos leitores mais ativos e experientes.

Maia (2007) aponta que a leitura se reveste de um poder considerável e assume, segundo ela, indubitavelmente, uma importante função no processo educativo, que é de se perguntar objetiva e cotidianamente como anda a prática da leitura e, especialmente, como deveria ser essa prática em nossas escolas.

Nesse contexto, o profissional docente deve incentivar o aluno a conhecer, pesquisar e manusear livros, revistas, gibis, panfletos, *folders*, entre outros suportes textuais, a fim de que possa se inserir em um mundo de leituras e interagir com o mundo que os cerca. Maia (2007) enfatiza a importância de se proporcionar momentos de leitura aos alunos, mesmo com as crianças que ainda não sabem ler, pois o contato com o livro e com a contação de histórias, por exemplo, faz com que a criança descubra o uso real da escrita a partir de construções simples e desenvolvidas no cotidiano escolar.

A autora supracitada ainda afirma que a escola tem recebido, diante disso, uma função importante que, segundo ela, é tornar o indivíduo hábil no processo de ler e de escrever, a fim de que ele possa, plenamente, desempenhar seus papéis sociais. Para essa autora, essa demanda contempla a escola, desde sua criação, com uma função especial, um status muito maior do que o que é dado a outras instituições.

Nesse pensamento, Kleiman (2007), define leitura como sendo:

Um ato individual de construção de significado num contexto que se configura mediante a interação entre autor e leitor e que, portanto, será

diferente para cada leitor, dependendo de seus conhecimentos, interesses e objetivos (KLEIMAN, 1993, p. 49).

Segundo a autora, a leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos. Dessa forma, um indivíduo pode ser considerado leitor quando passa a compreender o que lê. Ler é antes de tudo compreender, por isso não basta decodificar sinais e signos, é necessário dar sentido àquilo que foi lido.

Na perspectiva de formação de leitores, compete à escola oferecer, mediante a prática dos professores, subsídios suficientes para que o indivíduo, além de decodificar os códigos da língua, aprenda a desenvolver uma leitura como prática social que será usada nas suas atividades cotidianas.

Percebe-se, nesse contexto, a importância da prática de uma leitura interpretativa, não como uma mera decodificação, mas com entendimentos, contextualizações e consequentes reflexões, as quais permitem, após seu desenvolvimento verdadeiramente sistematizado, que conhecimentos de outras ciências sejam construídos também mediante a leitura, análise e produção de textos. Apesar disso, é preciso se reconhecer que as dificuldades de leitura são inevitavelmente reais e que precisam ser discutidas, a fim de se traçarem estratégias para mitigá-la.

A seguir, é apresentado um panorama de discussão acerca das dificuldades de leitura, como forma de apresentar a importância que deve ser dada à atividade de leitura, nos mais diversos níveis, como sendo algo imprescindível aos alunos de todos os níveis de ensino.

2.2 Dificuldades de leitura – um desafio a ser superado

A prática leitora é algo imprescindível ao desenvolvimento dos alunos em todas as etapas de ensino. Os estudos e reflexões feitos em torno dessa atividade denotam a ela facetas variadas. Solé (1998) por exemplo, coloca o ato de ler como um processo de interação constante entre leitor e texto, de forma a se tentar alcançar algum objetivo que guia a leitura. Afirma-se, pois, que nas atividades de

leitura, se busca compreender os textos e analisá-los a partir de diferentes ângulos, de forma a captar cada informação e abordagem que se juntam e compõem o projeto de leitura e a construção do entendimento daquilo que se lê.

É importante, nesse contexto, refletir a respeito das dificuldades que circundam em torno dessa prática, já que nem todos os alunos têm o hábito de ler e, até aqueles que o fazem, enxergam na leitura uma atividade, muitas vezes, tida como cansativa, chata, sem importância e até desnecessária para seu cotidiano. Visto que, seus momentos de leitura acontecem na escola quando o professor realiza atividades com textos e com o livro didático.

Solé (1998) assegura, nesse sentido, que o problema em torno do ensino de leitura nas escolas não está apenas na estratégia que é adotada pelo professor. Segundo ela, a problemática que criou e perpetuou uma conotação negativa à leitura está no próprio entendimento de o que é tido como leitura. A autora considera que

o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na conceituação do que é leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la (SOLE, 1998, p. 33).

Cabe aqui lembrar as definições atribuídas à leitura, de forma a desconstruir os significados de apenas decodificação de códigos. Em suas reflexões Solé (1998, p. 24), afirma que “para ler é necessário dominar as habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam à compreensão”. Segundo a autora, a leitura precisa ser tida como um processo eminentemente constante, de construção gradativa e de frequentes verificações de hipóteses, traçadas ao longo da leitura. Em outras palavras, a autora defende que a leitura é uma prática contínua e gradual, que deve se desenvolver juntamente à construção de conhecimentos.

Apesar disso, é indiscutível afirmar que não é exatamente dessa maneira que a maioria das pessoas enxerga a leitura, vendo-a apenas como um processo de decodificação de códigos. Da mesma forma, não se pode negar a ausência da prática leitora que, quase sempre, é vista pela sociedade como uma atividade que deve puramente ser atribuída à escola. Afinal, o que se observa, muitas vezes, é que os alunos, pais e até alguns professores, dedicam à escola toda a função de incentivo à leitura, o que é comprovado por Walty (2003, p. 54) quando afirma que

“muitas vezes, a escola é o único lugar em que a criança tem acesso ao livro e ao incentivo à leitura”.

Na mesma perspectiva, Pietri (2009) apresenta uma reflexão que caracteriza a leitura como sendo uma prática social puramente escolarizada, o que dificulta o desenvolvimento eficaz da mesma. Segundo o autor, a comunidade em geral associa de forma exclusiva à escola a função de ensinar a ler e a escrever.

Entende-se, nessa perspectiva, que dentre outros empecilhos, a escola também abarca a responsabilidade isolada de cultivar nos alunos a prática de leitura, já que quase sempre essa não é uma atividade presente fora dos muros da escola, embora seja algo tão necessário quanto qualquer outra atividade cotidiana.

Apesar disso, entende-se que essa não seja uma prática essencialmente escolar, já que uma pessoa pode aprender a ler e a escrever sem nunca ter ido à escola; da mesma forma que alguns frequentam a escola há tempos e, mesmo assim, ainda apresentam grandes dificuldades na leitura e na escrita. Ademais, se podem também desenvolver habilidades de leituras diferentes daquelas que a escola lhe apresentou ou ainda ter um contato mais familiar com textos e gêneros diferentes daqueles que teve contato em contexto escolar.

Solé (1998) se posiciona a esse respeito afirmando que a escola enfrenta inúmeras dificuldades relacionadas à leitura. Segundo a autora, o maior desafio da escola é “fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente” (SOLÉ, 1998, p. 32). Evidentemente, cabe aqui o entendimento acerca de o que é “ler corretamente”, como sendo uma atividade de constantes construções de significados e aquisições de conhecimentos e informações as mais variadas possíveis.

Kleiman (1993) também se posiciona a esse respeito afirmando que:

A atividade árida e tortuosa de decifração de palavras que é chamada de leitura em sala de aula não tem nada a ver com a atividade prazerosa de leitura baseada no desejo e no prazer. Devemos lembrar que, para a maioria, a leitura não é aquela atividade no aconchego do lar, no canto preferido, que nos permite nos isolarmos, sonhar, esquecer, entrar em outros mundos, e que tem suas primeiras associações nas histórias que nossa mãe nos lia antes de dormir. Pelo contrário, para a maioria, as primeiras lembranças dessa atividade são a cópia maçante, até a mão doer; a procura cansativa, até os olhos arderem, de palavras com o dígrafo que deverá ser sublinhado naquele dia... (KLEIMAN, 1993, p. 16).

Entende-se, a partir daí como são iniciadas as primeiras práticas de leitura para muitas crianças. Atividades enfadonhas, mnemônicas, com raros

entendimentos concretos, sem reflexões, sem construção nem associação de significados, enfim, como uma tarefa maçante. Como uma prática baseada em decodificação e praticamente ineficaz, a qual coloca o texto em função exclusiva de uma análise gramatical, que enxerga um gênero textual a partir de uma situação problemática criada pelo professor que não acrescentará nenhuma imaginação, nenhum entendimento acerca daquilo que é lido.

Resta agora refletir sobre esses motivos que levam os alunos, em grande maioria, a apresentarem tantas dificuldades de leitura e de compreensão de textos. Kleiman (2007), reflete a esse respeito e defende que dentre outras dificuldades, existe a falta de conhecimento prévio, afinal para se entender e construir conhecimentos sobre um texto, é necessário analisar como ele está construído, sua linguagem, as características do gênero que ele ilustra, dentre outras informações que facilitam a aquisição concreta do aprendizado.

Nesse sentido, Kleiman (2007) afirma que

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: autor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão (KLEIMAN, 2007, p. 13)

Reconhece-se, portanto, o quão importante é o incentivo à leitura, afinal já que essa é uma prática que não faz parte comumente do cotidiano dos alunos, é necessário que haja um real incentivo para o seu desenvolvimento. Atividades metodológicas que utilizem a apresentação de livros de histórias, a contação de histórias, as rodas de leitura, a criação de narrativas, a análise de gêneros textuais diversos, enfim, todas são práticas que podem ser desenvolvidas pelos professores a fim de incentivar a prática leitora.

A leitura de textos feita pelo professor, a leitura em voz alta apresentada diariamente aos estudantes, realizada por eles e a vivência nas rodas de leitura podem ser consideradas como um tipo de atividade que aproxima os leitores dos textos. É necessário, igualmente, o contato dos leitores com o objeto-livro (SILVEIRA, 2012, p.157).

No mesmo sentido, Antunes (2009,) se posiciona e defende que:

[...] a figura do professor, aquele que, concretamente, dá visibilidade ao ato de ler. Aquele que apresenta o livro, que expõe e lê o texto, analisa-o, fala sobre ele, traz notícias sobre os autores, sobre novas publicações; enfim, aquele que transita pelo mundo das páginas, que deixa o rastro de sua experiência de leitor. O professor é o mediador entre o aluno-leitor e o autor do livro (ANTUNES, 2009, p. 202).

Vale destacar, nessa perspectiva o papel do professor como incentivador para o desenvolvimento de atividades de leitura diversificadas e que sejam capazes de construir nos alunos competências de leitura e compreensão de textos. Sendo assim, as aulas podem ser a porta de entrada para o mundo da leitura, de forma que os alunos vejam no desenvolvimento dessa prática algo cativante, fácil, interessante e necessário à sua vida.

Incentivar as ações de leitura envolve, principalmente, a escolha dos textos que interessem, antes, ao mediador da leitura, aquele que facilita a interação texto/leitor, que aproxima o leitor do texto, visando incentivá-lo a gostar de ler. Essa tarefa inclui uma multiplicidade de textos, de gêneros, em vários suportes textuais (SILVEIRA, 2012, p. 158).

A autora supracitada ainda assegura que a apresentação das mais variadas formas textuais são a maneira mais eficaz de fazer com que o texto chegue à vida dos alunos de forma mais dinâmica e significativa. Para ela, essa exposição textual pode e deve ocorrer de diversas formas, a partir de livros, revistas, jornais, dentre outros – como suportes de textos impressos; e cinema, celular, músicas, DVDs, televisão – como suportes de textos audiovisuais.

Esse pensamento que põe o professor como incentivador da prática de leitura também é defendido pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), assegurando que a leitura é uma atividade que deve ser desenvolvida desde a primeira etapa de ensino:

O professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano (BRASIL, 1998, p. 30).

É imprescindível salientar que os materiais utilizados nas atividades de leitura também precisam estar adequados ao nível de vocabulário e à realidade social em

que os alunos estão inseridos. Afinal, a leitura, a compreensão e a interpretação textual são facilitadas se a linguagem for de simples compreensão. Dessa forma, cabe ao professor a busca por esses materiais que auxiliem e facilitem que as habilidades leitoras dos alunos sejam verdadeiramente construídas.

Silveira (2012) se posiciona a esse respeito, afirmando que:

As propostas de leitura devem estar alinhadas com as práticas sociais em que o leitor está inserido. Cada texto interage com necessidades reais de ler, o que significa dizer que o leitor é guiado pelo seu interesse em ler, pela importância que determinado tipo de leitura tem para ele, pelo momento histórico que o conduz aos textos que passam a interessá-lo. Nesse processo, o mediador da leitura é sobremaneira importante, porquanto oferece ao leitor ou ao leitor em formação o livro, o texto, que, apresentado de forma a envolvê-lo, passa a fazer parte do seu universo de interesses (SILVEIRA, 2012, p. 163).

Em linhas gerais, pensa-se o quanto é importante que as atividades de leitura sejam desenvolvidas e planejadas a fim de verdadeiramente alcançarem o real objetivo que é contribuir na edificação de conhecimentos dos alunos, criando não apenas competências de decodificação, mas de compreensão, interpretação e produção de gêneros textuais diversos. Para isso, é imprescindível que os professores enxerguem o engajamento de cada atividade desenvolvida na construção dessa prática.

Cabe aqui destacar uma problemática, dentre outras, que existe na escola campo da pesquisa: o fato de os alunos chegarem ao 4º ano das séries iniciais do ensino fundamental sem o domínio mínimo de leitura e compreensão de textos. É imprescindível, nesse cenário, refletir que são alunos que passaram pelas etapas do ciclo de alfabetização, como também pelos programas de alfabetização e letramento, a exemplo do PNAIC e, apesar disso, não desenvolveram as habilidades necessárias de leitura e escrita.

Esse é um cenário frequente na escola campo e isso dificulta imensamente o trabalho desenvolvido no 4º e 5º anos das séries iniciais, já que os professores não têm possibilidades de construir junto aos alunos outras competências e habilidades próprias para essas séries, pois terão que realizar um trabalho de alfabetização.

Sendo assim, reconhece-se como é necessária a adoção de estratégias metodológicas, estratégias de leitura, conforme será discutido a seguir. Isto é, é imprescindível a utilização de atividades de leitura que busquem a construção de habilidades e competências em cada etapa de desenvolvimento dos alunos e em

cada nível de leitura em que eles estejam. O conhecimento prévio e seu uso, aliado aos objetivos que se desejam alcançar com as atividades executadas são discussões que também merecem destaque e que serão a seguir discutidas como sendo estratégias de leitura.

2.3 Estratégias de leitura: a prática em sala de aula

A prática da leitura é uma atividade indispensável à docência e à interação desenvolvida em sala de aula. Apesar de se reconhecer sua intrínseca importância, o que se observa, em muitos casos, é que os alunos não desenvolvem essa habilidade no tempo em que o devem fazer. São metodologias excludentes, pouco chamativas e pouco interessantes para os alunos; práticas que não constroem e, quando o fazem, é de forma decodificada. Além disso, em muitos casos, o ato de ler é atrelado apenas à questão escolar.

Opondo-se a essa visão, Martins (2007) defende que:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, 2007, p.34)

É nesse contexto que podem ser pensadas as estratégias de leitura, como formas, adotadas pelos docentes, que auxiliem de alguma maneira o desenvolvimento de habilidades e de competências leitoras nos alunos.

Kleiman (1993), por exemplo, assegura que essas estratégias são operações regulares para se abordar um texto. De acordo com a autora, elas podem ser formuladas e/ou entendidas a partir da compreensão do texto que, por sua vez, é inferida a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor. Isto é, as estratégias de leitura se desenvolvem, segundo a autora, mediante as respostas que são dadas às perguntas que se faz sobre o texto, ao lê-lo; dos resumos, das paráfrases, das associações temáticas e textuais, enfim, da compreensão geral que é feita mediante a análise do texto.

Diante dessa discussão, é importante considerar a análise de qual forma será usada pelo leitor para compreender o texto, ou, em outras palavras, que

conhecimentos o leitor deve utilizar para compreender o texto e de que maneira o fará, isto é, a partir de quais estratégias, esses conhecimentos são usados no momento da leitura.

Para Kleiman (2000), a leitura do texto se dá com base na elaboração e verificação de hipóteses. Segundo ela, para que o leitor, durante o processo da prática de leitura, consiga elaborar as hipóteses e testá-las, ele precisará fazer usos de conhecimentos prévios que possui. A autora enumera esses conhecimentos necessários ao desenvolvimento da leitura classificando-os em: linguísticos, textuais e de mundo.

Pietri (2009) se posiciona a respeito definindo que o conhecimento linguístico se apresenta enquanto conhecimento prévio essencial para a compreensão de um texto, quando o leitor se depara com um texto escrito em uma língua com a qual ele não tem familiaridade. Nesse caso, segundo o autor, é necessário para o entendimento geral do texto, ter ciência de elementos como: formação das palavras, estruturas sintáticas e morfológicas, noções de vocabulários, fonética, enfim, de recursos mínimos para se compreender o texto.

De acordo com o autor,

Esses conhecimentos são colocados em jogo no momento de produzir e compreender um texto em nossa língua materna. Nesse caso, porém, muitas vezes só temos consciência de que estamos usando esses conhecimentos quando algo nos coloca em uma situação de distanciamento em relação à linguagem. Esses momentos ocorrem, por exemplo, quando, ao ler um texto, nos deparamos com uma palavra cujo significado desconhecemos; ou um conceito que ainda não dominamos; ou com uma estrutura sintática com um grau de complexidade que oferece dificuldade para nossa compreensão (PIETRI, 2009, p. 19)

O referido autor ainda apresenta o conhecimento textual como sendo outro conhecimento básico necessário à compreensão efetiva do texto. De acordo com ele, conhecer os gêneros textuais e suas principais características é fundamental “para a realização da leitura de modo satisfatório” (PIETRI, 2009, p 19).

No mesmo pensamento, conforme apresenta Pietri (2009), gêneros textuais diversos sendo eles narrativos, descritivos ou argumentativos, em torno dos quais se vai trabalhar a prática da leitura, pedem habilidades, posicionamentos e competências diferentes do leitor em relação ao que é lido.

O autor ainda apresenta uma proposta de elementos e características que podem ser adotadas ao analisar cada gênero textual. Segundo ele, os gêneros

textuais narrativos exigem do leitor uma competência mais livre e menos tensa; é importante, nesse caso, analisar a sucessão dos fatos e, especialmente, a relação causa-consequência; o tempo de desenvolvimento da história é fundamental para o entendimento e para a estruturação do texto.

Por outro lado, para Pietri (2009), se o texto é descritivo, ele será caracterizado pelo grande número de informações que apoiam o desenvolvimento da narração; as caracterizações, definições e comparações são, segundo o autor, bastante presentes nesse caso. Já o texto argumentativo ou argumentativo-expositivo exige do leitor uma posição mais constante, especialmente diante das tentativas de persuasão que o texto apresenta; nesse caso, o mesmo autor, afirma que as relações lógicas e a apresentação de informações diversas devem ser atentadas.

Pietri (2009) ainda apresenta por último o terceiro tipo de conhecimento, segundo ele, necessário ao bom desenvolvimento da prática da leitura: o conhecimento de mundo, também chamado enciclopédico. Em suas reflexões, o autor afirma que:

O conhecimento de mundo se constitui nas experiências que a pessoa tem ao longo de seu percurso de vida e pode ser adquirido tanto em situações controladas, formais, tais como as que se encontram nas escolas, quanto de modo informal (PIETRI, 2009, p 21).

Nesse sentido, o autor assegura que a compreensão do texto é possível e/ou se torna mais simples quando o leitor possui conhecimentos prévios que lhe possibilitem uma maior interação na hora do desenvolvimento da leitura. É nesse contexto que a leitura passa a ser algo dinâmico, pois, ao ler, o leitor precisará continuamente elaborar soluções para problemas que aparecerão mediante o desenvolvimento da leitura, como palavras com significados desconhecidos, construções sintáticas complexas, sentidos conotativos etc.

Diante disso, entende-se o quanto é importante à prática docente traçar estratégias que facilitem a compreensão leitora dos diversos tipos e gêneros textuais presentes em livros didáticos, paradidáticos e no contexto social como um todo em que o aluno está inserido. O planejamento do professor, a escolha dos textos a serem usados nas atividades de leitura, os recursos disponíveis ao docente na escola, a escolha dos livros e materiais didáticos e paradidáticos são, portanto,

imprescindíveis, especialmente quando se pensa em preparar os alunos para que sejam leitores ativos e críticos.

Dessa maneira, afirma-se, conforme Pietri (2009), que o trabalho de mediação do professor, no que se refere a traçar as estratégias leitoras, consiste não apenas em escolher os textos em função dos interesses, competências e necessidades dos seus alunos, mas também em função de outros textos e de outras situações comunicativas, que serão enfrentadas para além dos muros da escola, e nas quais a leitura também será utilizada. O autor afirma que

Um bom texto para ser lido em sala de aula não é aquele que não oferece dificuldade de leitura, aquele que não precisa de outros textos ou outras fontes de informação para ser lido; ao contrário: **o bom texto para ser lido em sala de aula é justamente aquele que pede a presença de outros textos que auxiliem na solução dos problemas apresentados para sua leitura** (PIETRI, 2009, p. 55, **grifos meus**).

É preciso, assim, que o professor, enquanto mediador das atividades de leitura, conheça as habilidades leitoras de seus alunos, selecionando as informações necessárias para o entendimento, por parte dos alunos, do texto em análise; é necessário ainda que o docente planeje as atividades baseando-se na maior perspectiva de contextualização possível para os textos analisados, oferecendo, assim, possibilidades capazes de desmistificar os rótulos negativos que algumas pessoas têm acerca da leitura, formando crianças proficientemente leitoras.

É importante destacar ainda que, nesse contexto, Silveira (2012) afirma que, atualmente, cada vez mais, publicam-se livros de leitura literária, visando envolver as crianças no universo da leitura ativa, por se considerar que, cada vez mais cedo, elas têm acesso ao mundo letrado, com o qual podem interagir amplamente. A autora ainda apresenta que pesquisas têm demonstrado que, quanto mais cedo as crianças convivem com livros e recebem estímulo para a leitura, mais chances têm de se tornarem leitoras ativas.

Sendo assim, as estratégias de leitura constituem-se em um amplo campo de análise que precisa nortear a docência. Afinal, o planejamento das aulas, a escolha dos textos e gêneros textuais precisa na prática desenvolver habilidades e competências necessárias aos desenvolvimentos cognitivos gerais dos alunos a fim de que se tenha verdadeiramente a leitura não apenas como processo de

decodificação, mas como uma atividade constante de leitura, compreensão, interpretação e produção de textos.

A seguir são apresentadas reflexões que versam sobre as estratégias de leitura numa perspectiva prática, partindo, para isso, das discussões apresentadas por Solé (1998). Predende-se, pois, refletir acerca dos passos que podem ser seguidos, conforme a autora, para se trabalhar as atividades de leitura de forma prazerosa e eficiente na construção das habilidades leitoras dos alunos.

2.4 Estratégias de Leitura: como proceder antes, durante e depois da leitura?

O hábito da leitura está completamente arraigado ao cotidiano de toda a sociedade. Idosos, adultos, jovens e crianças leem a cada momento e de maneiras as mais diversas possíveis. A leitura está, portanto, diretamente presente no dia a dia de todos, seja em *outdoors*, revistas, legendas de filmes, jornais, histórias em quadrinhos, enfim praticamente tudo colabora ao desenvolvimento do ato de ler.

Solé (1998) assegura que ler é muito mais do que possuir habilidades leitoras determinadas, ou decodificar palavras de qualquer forma e sem nenhum objetivo. Para a autora, qualquer leitura necessita de uma motivação a qual encaminhe o leitor à construção da informação desejada.

Ler é muito mais do que possuir um cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta. As crianças e os professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler (SOLÉ, 1998, p 90).

Quando se refere à leitura nas escolas, é preciso que os professores desenvolvam inicialmente uma motivação acerca do que será lido pelos alunos. Um dos fatores que contribuem, por exemplo, como incentivo à leitura é a proposta de desafios aos leitores. Utilizar textos novos, mas com temáticas inerentes à vivência dos alunos, como forma de, desde cedo, inserir os conhecimentos prévios que as crianças já apresentam na prática de leitura que é ou será desenvolvida.

Solé (1998) ainda destaca que a motivação pode ser desenvolvida pelo professor mediante muitas ações, além de apenas incentivos orais. Dinamizar o

modo a partir do qual a leitura será feita, a quantidade de páginas, por exemplo, a análise das imagens que o texto apresenta, os questionamentos sobre o entendimento de cada aluno sobre o título do texto. Além disso, é intrinsecamente necessário que as crianças enxerguem essa motivação da leitura nas pessoas que as rodeiam, como pais e professores que precisam também estarem motivados a ler.

Portanto, motivar as crianças para a leitura não consiste em que o professor diga: “Fantástico! Vamos ler!”, mas em que elas mesmas o digam – ou pensem -. Isto se consegue planejando bem a tarefa de leitura e selecionando com critério os materiais que nela serão trabalhados, tomando decisões sobre as ajudas prévias de que alguns alunos possam necessitar, evitando situações de concorrência entre as crianças e promovendo, sempre que possível, aquelas situações que abordem contextos de uso real, que incentivem o gosto pela leitura e que deixem o leitor avançar em seu próprio ritmo para ir elaborando sua própria interpretação (SOLÉ, 1998, p 92).

A autora supracitada apresenta ainda que a leitura obedece a alguns objetivos que são cumpridos mediando o que se quer da leitura: ler para obter uma informação precisa, ler para seguir instruções, ler para obter uma informação de caráter geral, ler para aprender, ler para revisar um escrito próprio, ler por prazer, ler para comunicar um texto a um auditório, ler para praticar a leitura em voz alta ou ler para verificar o que se compreendeu do texto lido.

Diante disso, é importante destacar, conforme diz Solé (1998) que as pessoas não leem todos os textos da mesma maneira, ou seja, cada um lê aquilo que lhe chama mais atenção da maneira que melhor lhe convém. As estratégias necessárias para cada tipo de leitura e os objetivos que cada leitor tem diante de um texto podem ser inúmeros e determinarão que informação ou conhecimento se construirá mediante à prática leitora.

Além do aspecto motivacional, em seu livro *Estratégias de Leitura*, Solé (1998) discute acerca de elementos necessários a serem assegurados antes da prática efetiva de leitura: identificação das ideias gerais, motivação e objetivos necessários à prática leitora, análise do conhecimento prévio que se tem diante do tema do texto e formulação de questionamentos acerca do texto como forma de assegurar uma melhor compreensão geral do que será lido.

Ademais é preciso também entender para que se ensinam as estratégias de leitura, como sendo, especialmente uma forma de contextualização do texto a ser lido com a vivência do aluno, de maneira não a sequenciar elementos fixos para a

prévia análise do texto, mas como forma de garantir que a finalidade dessa análise antes que a leitura seja assegurada. É necessário, portanto, antes da leitura que o professor consiga em relação ao aluno,

Suscitar a necessidade de ler, ajudando-o a descobrir as diversas utilidades da leitura em situações que promovam sua aprendizagem significativa; proporcionar-lhe os recursos necessários para que possa enfrentar com segurança, confiança e interesse a atividade de leitura; transformá-lo em todos os momentos em leitor ativo, isto é, em alguém que sabe por que lê e que assume sua responsabilidade ante a leitura aportando seus conhecimentos e experiências, suas expectativas e questionamentos (SOLÉ, 1998, p 114).

Diante disso e em outra perspectiva, é importante reconhecer a relevância da prática da leitura em si, ou seja, do processo de leitura propriamente dito, com suas respectivas estratégias, dificuldades, inferências e formas de desenvolvimentos. Em outras palavras, apesar de se reconhecer que a atividade leitora se desenvolve em conjunto no antes, durante e depois da leitura, conforme indica Solé (1998), é imprescindível destacar a importância da prática da leitura em si, ou seja, a prática durante a leitura.

A autora destaca, por exemplo, que durante a leitura, podem ser feitos: a leitura compartilhada, a leitura independente e os questionamentos sobre o que está sendo lido. Explicitando que a leitura compartilhada é a prática de leitura feita mediante a interação entre alunos e professor, de forma que o texto é lido coletiva, progressiva e simultaneamente. Isto é, ao ler o texto, professores e alunos traçam habilidades que abarcam por exemplo, a formulação de previsões mediante o que será lido, a construção de pequenos resumos, a elaboração de perguntas acerca do texto e o esclarecimento de possíveis dúvidas em relação ao texto como um todo.

Tendo em vista que essas estratégias de análise durante a leitura não são feitas obrigatoriamente em sequência fixa ou por completo, elas podem ser usadas inclusive como recurso à realização de alguma prática avaliativa a respeito da compreensão e interpretação de textos diversos, conforme apresenta Solé (1998) quando afirma que

As tarefas de leitura compartilhada devem ser consideradas a melhor ocasião para os alunos compreenderem e usarem as estratégias úteis para compreender os textos. Também devem ser consideradas o meio mais poderoso ao alcance do professor para realizar a avaliação formativa da leitura dos seus alunos e do próprio processo e, neste sentido, devem

considerar-se como um recurso imprescindível para intervir de forma possível nas necessidades que os alunos mostram ou que ele infere (SOLÉ, 1998, p 118).

Na mesma perspectiva, quando se refere à leitura independente, a autora supracitada a caracteriza como sendo a leitura feita propriamente pelos alunos (leitores), de forma a respeitar seus ritmos e a selecionar objetivos próprios de cada um, de acordo com uma diversidade de gêneros textuais. Nesse contexto, a autora ainda afirma que é importante que a escola incentive essa prática de leitura independente, especialmente a se utilizar estratégias da própria leitura compartilhada, de maneira que o aluno desenvolva a habilidade de querer e saber ler determinado texto.

Diante disso, é comum aparecerem dificuldades que impeçam a construção do conhecimento total do texto. A esse respeito, Solé (1998) diz que

A questão dos erros e do que se faz quando eles são detectados é da maior importância, pois nos informam – e isto pode parecer um paradoxo – sobre o que o leitor compreendeu, sobre o que ele sabe ou não sabe que compreendeu e sobre sua possibilidade de tomar decisões adequadas para resolver o problema (SOLÉ, 1998, p 125).

Entende-se, pois, que a leitura equivocada de algum termo do texto pode levar à não-compreensão total dele, mesmo nos casos em que não se percebe que se tenha lido errado. Assim, nesse caso, é papel do professor ou mediador de leitura assumir o controle do processo, indicar o erro e posteriormente oferecer ao aluno (leitor) alguma maneira de compensá-lo, conduzindo-o, mediante alguma estratégia, a perceber o erro e a corrigi-lo.

É nesse ponto que as crianças, desde cedo, devem estar habituadas às estratégias de leitura necessárias para que elas próprias desenvolvam as habilidades e as competências leitoras, que as possibilitem analisar, entender e inferir sobre o texto, mesmo diante de suas dificuldades.

É preciso, dessa maneira, considerar que gradativamente as dificuldades, quanto a ler, entender e interpretar um texto de qualquer gênero textual, são sanadas mediante à prática. Isto é, as próprias crianças (leitores) perceberão que o significado de alguma palavra ou a leitura ou pronúncia equivocada de algum termo não influenciará decisivamente no entendimento do texto como um todo.

Isso pode ser comprovado com Solé (1998) a qual se manifesta sobre o

assunto assegurando que:

Quando uma frase, palavra ou trecho não parece essencial para a compreensão do texto, a ação mais inteligente que nós, os leitores, realizamos é a de ignorá-la e continuar lendo. (...) Isto é uma estratégia que os leitores experientes utilizam com grande frequência (SOLÉ, 1998, p 129).

Diante disso e de outras estratégias indicadas por Solé (1998) e desenvolvidas durante a leitura, como: esperar o fim da leitura para avaliar a compreensão do texto, arriscar uma interpretação que ajude nos significados desconhecidos ou até mesmo reler o contexto prévio; quando nenhuma dessas possibilidades é eficaz, facilitando a compreensão do texto como um todo, deve-se conduzir o leitor a buscar uma fonte que o auxilie no entendimento do texto, a exemplo do uso de dicionários, outros livros, explicações dos colegas ou do professor, sendo essa a última estratégia a ser utilizada já que ela interrompe o ritmo da leitura.

Após todos esses procedimentos capazes de auxiliar no desenvolvimento da prática leitora, é preciso ter ciência do que fazer no término da leitura. Solé (1998) indica que a elaboração de resumos, a identificação das ideias centrais de cada parte e/ou parágrafos do texto e formulação de respostas associadas a questionamentos feitos pelo professor (mediador) são estratégias eficazes a se desenvolver no término da leitura de um texto, pois trazem à tona as informações necessárias ao completo entendimento do texto, contribuindo à construção de leitores ativos e eficientes.

3 DA LEITURA AO MUNDO DA FANTASIA: o trabalho com o gênero conto de fadas

Neste capítulo, serão abordadas algumas concepções a respeito dos gêneros textuais, destacando sua relevância para o ensino da leitura em sala de aula. Para tanto, utilizaremos como aporte teórico, alguns estudiosos como Bakhtin (1997), Marcuschi (2008), Gancho (2010), Pietri (2009) e Dolz e Schneuwly (2004).

3.1 Tipologia e gênero: situando o conhecimento leitor

Gênero e tipologia textual são conceitos que precisam ser construídos junto aos alunos, a fim de que se perceba no cotidiano que as produções textuais se manifestam de diferentes formas e que abarcam características variadas conforme o objetivo que é traçado para a atividade textual.

Tipologia textual são os tipos textuais “que entram na composição da maioria dos textos e funcionam como o esqueleto que sustenta a diversidade dos gêneros” (SILVA, 2012, p 16). Segundo a autora, a tipologia textual clássica foi, por muito tempo, denominada: narração, descrição e dissertação. Estudos mais recentes apresentam essa tipologia se manifestando em: narração, descrição, dissertação, exposição e injunção, como podemos evidenciar através da citação abaixo:

Narração: modalidade em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar.

Dissertação: tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre o ponto de vista do autor a respeito do assunto.

Descrição: um texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, pessoa, animal ou objeto.

Exposição: apresenta informações sobre assuntos, expõe ideias, explica, avalia, reflete (analisa ideias).

Injunção: indica como se realizar uma ação (SILVA, 2012, p. 16-17).

É exatamente nessa perspectiva de diversidade de tipos de textos que cabe aqui destacar as narrativas de contos de fadas, como sendo “gêneros textuais que se expressam através do contar e do ouvir histórias” (SILVEIRA, 2012, p. 167). Para a autora, as narrativas de contos de fadas já fazem parte do contexto social desde a

origem dos tempos, pois retratam as crenças e as culturas de povos, seus costumes, medos, desejos e imaginações sobre a realidade.

Cavalcanti (2002) também se posiciona a respeito de ouvir e contar histórias, das narrativas e de sua relação de importância para a prática de leitura dos alunos: “ouvir histórias consiste numa das relações mais poderosas, satisfatórias de que o homem é capaz” (CAVALCANTI, 2002, p. 16). Percebe-se, pois, aqui, o exímio papel da escola e dos professores no tocante a construir e a desenvolver nos alunos a qualidade de leitores, como forma de garantir seu desenvolvimento cognitivo mais concretamente, aprimorando capacidades não apenas de leitura, mas de escrita, de compreensão de textos diversos e do mundo em que se está inserido.

É nesse sentido de grande diversidade de textos com características múltiplas que são enxergados os gêneros textuais, como sendo, segundo Silveira(2012) uma especificidade de características próprias e exclusivas de textos afins. De acordo com a autora, “gênero textual é o nome dado às diferentes formas de linguagem que circulam na sociedade” (SILVEIRA 2012, p. 15). Segundo ela:

Uma entrevista, uma receita de bolo, uma palestra, um discurso, uma anedota, um conto, entre outras formas de comunicação menos ou mais formais, são exemplos de gêneros textuais. Os gêneros textuais são formas através das quais a língua se organiza em textos, e a comunicação se realiza (SILVEIRA, 2012, p. 15)

Marcuschi (2008) também se coloca a respeito da discussão sobre os gêneros textuais, distinguindo-os, inclusive, dos tipos de textos. Segundo as reflexões do autor, é essencial se considerar essas duas matrizes teóricas de manifestação textual como sendo “esferas textuais de atividade humana” (MARCUSCHI, 2008, p. 155), as quais são indispensáveis para a construção gradativa de habilidades linguísticas, sociais e até comunicativas, uma vez que oferecem ao leitor a materialização das relações sociais e das construções comunicativas desenvolvidas em sociedade.

Conforme o autor,

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo, etc.). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que com textos materializados. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, injunção. O conjunto de categorias

para designar os tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo. **Gênero textual** se refere aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os Gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciados e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonemas, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras (...). Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastantes estáveis, históricas e socialmente situadas (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Sendo assim, é importante se compreender as distinções existentes entre a tipologia textual e o gênero textual. Da mesma forma, é necessário que se trabalhe com os alunos gêneros e tipos de textos variados para garantir o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas de compreensão, interpretação e produção textual.

A esse respeito, vale salientar que a própria sociedade - revestida, segundo PIETRI (2009), por tecnologias diversificadas as quais estão cotidianamente influenciando, criando e recriando as formas de manifestação do cotidiano escolar - acaba por influenciar de formas distintas a prática em sala de aula e, portanto, as atividades de leitura desenvolvidas com os alunos. Afinal, os alunos já têm contato frequente com diversos textos em casa, na rua, no mercado, nas brincadeiras, enfim.

Receitas, listas de compras, texto de regras de jogo, manual de instruções, dentre outros, por exemplo, são gêneros textuais com os quais todos têm contato no dia a dia, sem saber, no entanto, que constituem gêneros, que têm uma função e características específicas e que, portanto, formam uma tipologia textual.

Nesse contexto, a escola assume o papel de utilizar nas atividades desenvolvidas, não apenas, mas especificamente nas aulas de linguagem – língua portuguesa, esses gêneros, como forma concreta de despertar nas crianças o interesse pela prática de leitura partindo da realidade que elas já enfrentam em seu dia a dia, além de possibilitar que elas percebam que a leitura e a escrita verdadeiramente estão presentes no cotidiano e são necessárias nas vivências sociais diversas.

3.2 As narrativas: desenvolvendo a leitura a partir do mundo da imaginação

Contar, narrar, relatar são atividades intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento da humanidade. Ler e contar histórias, por exemplo, fazem parte da evolução do homem, já que desde sempre as histórias de lutas, caças, feitos heroicos eram passadas de pais para filhos a fim de perpetuar o senso comum e disseminar o mundo das fantasias. Silveira (2012) afirma que o ato de contar histórias é concebido por muitos contadores de histórias como algo mágico que envolve desde crianças a adultos, em um contar e recontar, em um criar e recriar de fatos.

A autora ainda se posiciona acerca da importância das narrativas assegurando que:

As narrativas consideradas “histórias para as crianças”, na sua especificidade, apresentam-se em alguns gêneros distintos. Há contos de fadas, os contos populares, as fábulas, as anedotas, narrativas veiculadas pelos folhetos de cordel, histórias bíblicas e histórias em quadrinhos. Muitas dessas histórias, que são parte da variedade de textos orais, há um tempo, circulavam, principalmente por meio das vozes dos contadores. Hoje, muitas delas são publicadas e chegam aos seus leitores por meio de livros, de resistas, através da escrita (SILVEIRA, 2012, p. 169).

Entende-se, a partir daí, por exemplo, o quão importante é o trabalho com as narrativas em sala de aula, ilustrando o dia a dia, os sonhos, a imaginação, as viagens, enfim, ilustrando as verdades que se constroem e se materializam nas histórias, vividas por personagens, em um tempo e um espaço definidos, sejam elas reais ou fictícias.

Vale salientar aqui que essa importância não se limita apenas à leitura, mas se entende também ao ato de contar, à contação de histórias, de forma a despertar, naqueles que ainda não dominam a habilidade de leitura, a fantasia de se ter acesso à história, de vivenciar as aventuras, de imaginar os fatos, de abstrair os ensinamentos que a história possibilita que sejam construídos. Conforme assegura SILVEIRA (2012):

Os gêneros narrativos, as histórias que são contadas para as crianças ou lidas por elas, com destaque para as fábulas, os **contos de fadas** e as narrativas publicadas de autores diversos multiplicam-se em vários textos de mesma natureza. Para as crianças que ainda não leem, ouvir a narrativa

pressupõe o primeiro nível de leitura, em que o ouvinte, conhecendo o enredo da história, passa a imaginar as cenas, os personagens e os detalhes específicos de cada uma (SILVEIRA, 2012 p.169). **Grifos meus.**

Na perspectiva de leitura das narrativas, como os contos de fadas, esse incentivo se estende no estímulo da leitura e da imaginação dos elementos que constroem a história propriamente dita. Isto é, à medida que a atividade é desenvolvida, é necessário que o docente apresente aos alunos formas de construção e aquisição do conhecimento em torno da obra lida. Essa estratégia pode ir desde questionamentos simples, como: quem são as personagens?, onde passa a história?, como é o lugar?, quanto tempo dura a história, até direcionamentos que exigem um maior grau de compreensão e até interpretação do texto lido, como: que fato desencadeia outro?, qual o clímax da história?, etc.

É importante que sejam incentivadas as leituras também das entrelinhas, que sejam exercitadas as diferentes formas de se abordar um mesmo conteúdo ou uma mesma sequência de fatos, imaginando-se a história contada de outros pontos de vista, por exemplo, que se comparem textos diferentes sobre um mesmo assunto, que se busquem referências a outros textos neste que está sendo lido (intertextualidade), que se incentive o posicionamento do aluno a respeito da(s) ação(ões) de alguns personagens, bem como que ele imagine uma outra solução para o seu problema, e assim por diante, garantindo que, além de identificarem ou reconhecerem, os alunos utilizem e exercitem níveis superiores de pensamento, como a inferência, a comparação, a formulação de perguntas, de uma ideia ou conclusão, a busca de justificativas ou argumentação, o estabelecimento de relações, a imaginação, etc (BALDI, 2009, p. 46-47).

É nesse contexto que pode ser inserido o Conto de Fadas como gênero textual narrativo capaz de contribuir para o desenvolvimento da imaginação, da leitura e da cognição em geral das crianças, uma vez que se trata de narrativas recheadas de expectativas que já fazem parte do universo infantil, histórias com as quais as crianças já têm familiaridade e que, dessa forma, oferecem uma aceitação, por parte dos pequenos leitores.

Baldi (2009) afirma a esse respeito que:

Os contos de fadas são histórias que as crianças ouvem desde muito pequenas e repetidas vezes, pois elas lhes causam grande fascínio, é comum terem sobre elas um bom nível de apropriação, seja no aspecto do conteúdo da história (sequência de fatos, personagens, etc.), seja em relação à linguagem, a qual são capazes de produzir, às vezes, de memória, ou ainda no que diz respeito a sua estrutura: há sempre um estado inicial de equilíbrio, depois aparece um conflito que desencadeia as ações e, por fim, há a resolução do conflito (BALDI, 2009, p. 133).

Silveira (2012) define os contos de fadas como os clássicos para as crianças. Segundo a autora, essa nomenclatura é dada pelo fato de a multiplicidade de publicações que os contos de fadas têm causarem uma impressão de que essas narrativas não têm autor definido. A autora assegura que os contos de fada têm autoria e que foram escritos por diversos autores, em diferentes países e épocas. “As histórias que eles contam dão uma forma literária às que o povo contava, à beira do fogo nas rodas de conversa, principalmente no inverno, dentro das casas” (SILVEIRA, 2012, p.170).

Conforme a autora supracitada,

Os contos de fadas mais divulgados são os de autoria, na França, de Charles Perrault; na Alemanha, dos irmãos Grimm; na Dinamarca, de Johann Christian Andersen. Alguns outros autores de contos maravilhosos também têm lugar até hoje no cenário de contistas cujas histórias são endereçadas às crianças. Os contos de fadas mais conhecidos, considerados os mais divulgados são, entre outros: *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela*, *Os três porquinhos*, *Cachinhos de ouro*, *Branca de Neve e os sete anões*, *O lobo e os sete cabritinhos*, *A roupa nova do rei*, *A pequena Sereia*, *A princesa e a ervilha*, *O ganso de ouro*, *Rapunzel*, *João e Maria*, *João e o pé de feijão*, *O gato de botas*, *O Barba Azul* (SILVEIRA, 2012, p.170).

Silva (2009) também se posiciona sobre os contos de fadas defendendo que eles têm a capacidade de falar tanto para crianças quanto para jovens e adultos e, por trabalharem com uma linguagem marcadamente simbólica, estabelecem um contato com esses públicos sem a necessidade de um pensamento lógico. Conforme suas discussões, uma das muitas virtudes dos contos de fadas, chamados por ela de contos de fadas folclóricos, é não levantar barreiras separando assuntos de crianças e assuntos de adultos. A autora ainda reflete a respeito de algumas temáticas trabalhadas nesses contos caracterizando-as, em um tom casual, por buscarem ignorar e/ou amenizar os limites humanos, manifestados em privações, doenças, separações, envelhecimentos, incapacidade física, amor, sofrimento e morte.

Mas, afinal, o que é que faz com que um texto possa ser chamado de “história de fadas”? Embora soe paradoxal, não é a presença de fadas, pois elas podem entrar no relato ou não. Nas histórias de Grimm, por exemplo, elas não comparecem, mas têm um substituto equivalente: uma mulher velha e misteriosa, um homem taciturno, um anão mal-humorado, uma raposa falante, a falecida mãe que se manifesta por intermédio de uma árvore. São os mediadores, que, surgidos não se sabe de onde, auxiliam o herói no momento de necessidade. Não são belos como as fadas celtas que povoam nossa imaginação, mas certamente são tão poderosos quanto elas. Vindos de outra esfera, de um mundo onde as leis da física e da lógica não

prevalecem, eles fazem a conexão entre o mundo natural e o sobrenatural e, como consequência dessa fusão dos dois mundos, tudo se torna possível, normal, aceitável. **As histórias que transitam entre o natural e o sobrenatural, como os contos de fadas folclóricos, constituem narrativas maravilhosas** (SILVA 2009, p.70-71). *Grifos meus*.

Cabe aqui se analisar como se compõe estruturalmente esse gênero textual, já que é dotado de descrições capazes de distingui-lo de outros. “O que há de mais característico no padrão construtivo dos contos de fadas são as formas de abertura e fechamento – ‘Era uma vez, num reino distante’ e ‘eles viveram felizes para sempre’ (SILVA, 2009, p. 71). Isso denota à narrativa o fascínio através do qual a criança é convidada a não querer deixar de ler e/ou ouvir as histórias. O desenrolar dos fatos e a busca pelo final feliz, levam-na a imaginar situações capazes de contribuir positivamente em seus desenvolvimentos leitor e linguístico como um todo.

Ainda é importante destacar a linguagem utilizada nos contos de fadas como sendo concisa, simbólica e casual, a fim de, segundo Silveira (2012), inserir a criança no mundo da imaginação, ajudando-a a se manifestar no brincar de ler, ouvir e até de criar histórias.

O enredo, mediante as indicações de Silva (2009), normalmente se organiza em torno de apenas um conflito, de forma que as ações e fatos são desenvolvidos de maneira linear, ilustrando fielmente a sequência de começo, meio e fim, sem idas e vindas do tempo. Essa é mais uma estratégia que pode ser trabalhada nas atividades executadas em sala com as narrativas maravilhosas: a sucessão dos fatos que compõe o enredo, que se desenvolve segundo o desenrolar dos fatos que se sucedem.

Ao longo do encadeamento dos fatos, as personagens são apresentadas e descritas de forma física e psicologicamente. Segundo Silva (2009), essas personagens são chamadas de personagens planos, os quais em sua individualidade, na maioria das vezes, não apresentam nomes – ou quando têm, são apelidos ou nomes banais. Quase sempre, são nomeados por sua função na história, como: o príncipe, a princesa, a rainha, o sapo, a bruxa, o filho mais novo, enfim. Pode-se aqui mais uma vez, diante da forma como são apresentadas as personagens, inserir os alunos na vivência da história. Como poderiam se chamar as personagens?

Além disso, a própria história separa os personagens em vilões e mocinhos. “O conflito que move as ações também reparte os personagens entre protagonistas e antagonistas, ou heróis e vilões” (SILVA, 2009, p.71), diferença que se mantém até o final da narrativa quando cada um recebe o prêmio ou o castigo que lhe é de direito.

A autora supracitada ainda se manifesta acerca da caracterização da temática em torno da qual os contos de fadas se desenvolvem:

Com relação à temática, percebe-se que a superação da infância parece ser o mais frequente tema. Os protagonistas, em geral crianças no limiar da puberdade, por iniciativa própria ou por instigação alheia, saem de casa em busca de aventuras ou em busca de um bem precioso. A inevitabilidade da viagem ou as adversidades que sozinhos deverão enfrentar não parece abatê-los. Ainda que estejam em desvantagem, seguem em frente e tratam com cortesia e solidariedade as pessoas e animais que encontram em seu caminho. A alma pura e o coração generoso garantem-lhes o auxílio na hora certa, quando uma gorda sapa (“As três penas”), um homem misterioso (“A princesa enfeitiçada”), uma pobre velha (“As fadas”), o caçador (“Chapeuzinho Vermelho”), ou mesmo a vó do diabo (“Os três cabelos de ouro do diabo”) socorrem os heróis, dando-lhes o auxílio de que precisam. Ser capaz de resolver seus próprios problemas, mesmo que seja com a eventual ajuda alheia, é sinal de maturidade. Por isso, resolvido o conflito, o herói do conto de fadas está apto a casar-se, gerir sua vida e administrar seu reino, sem que leitor algum estranhe como, em poucos dias, a criança virou adulto (SILVA, 2009, p. 71-72).

Vale ainda ressaltar os lugares, os espaços em que essas narrativas se desenrolam. Castelos, bosques, rios e matas são lugares que ganham a conotação encantada e abarcam todo o desenvolvimento dos fatos, como forma de garantir que a trama alcance seu clímax – tido aqui como o ponto máximo da história, segundo Silveira 2012, e a concretização do desfecho de “viveram felizes para sempre” que caracterizam a narração em 3ª pessoa do conto.

Em linhas gerais, esses gêneros textuais, conhecidos como contos de fadas, possuem uma estrutura simples com elementos mágicos e fantasiosos, que instigam o imaginário do leitor, trazendo, em suas narrativas, animais com características humanas, fadas, bruxas, objetos mágicos, enfim, um cabedal de detalhes que estimulam o fascínio de crianças, jovens e adultos por esse gênero textual. Sua estrutura é composta de uma situação inicial, um conflito, o desenvolvimento e o desfecho, acontecem de forma a ilustrar o pensamento e a imaginação daqueles que irão mergulhar em suas ondas de aventuras.

A seguir, é apresentado o percurso metodológico em que a pesquisa se embasou. São expostos o espaço escolar, os sujeitos, os mecanismos

metodológicos e a proposta de intervenção desenvolvida para a realização da pesquisa.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentamos o caminho percorrido para a realização de nossa pesquisa. Iniciaremos caracterizando o espaço escolar, os sujeitos envolvidos e, em seguida, são indicados os dispositivos metodológicos, ressaltando que esta se apoia na proposta de sequência didática para o ensino da compreensão leitora na perspectiva de Solé (1998).

4.1 Espaço escolar

A pesquisa foi desenvolvida em uma turma de 4º ano de uma escola pública municipal de Mari-Paraíba. A escola está localizada na periferia da cidade, em uma área onde a criminalidade é constante e a população é muito carente. Essa instituição oferta apenas uma modalidade de ensino: a primeira fase do ensino fundamental e possui, aproximadamente, 94 alunos distribuídos da seguinte maneira: no turno da manhã estudam os alunos do primeiro e segundo anos; no turno da tarde, os alunos do terceiro, quarto e quinto anos.

A referida instituição possui uma boa estrutura física, dispondo de quatro salas de aula, uma cozinha, uma secretaria e três banheiros, dois para os alunos e um para os funcionários; possui, também, um computador administrativo, TV, equipamento de som, impressora, equipamentos de multimídia e DVD; e um pátio coberto, onde são realizadas as apresentações culturais e artísticas dos alunos.

A equipe da escola é formada por dezessete funcionários: uma diretora, uma vice-diretora, um supervisor escolar, cinco professores, quatro oficineiros do Programa Mais Educação, duas funcionárias de serviços gerais e dois porteiros. O corpo docente possui graduação e especialização em sua área, além disso, todos pertencem ao quadro efetivo do município.

Quadro 01: Demonstrativo do IBEB da Instituição alvo da pesquisa

4ª série / 5º ano

8ª série / 9º ano

3ª série EM

	Ideb Observado							Metas Projetadas							
Escola ▾	2005 ▾	2007 ▾	2009 ▾	2011 ▾	2013 ▾	2015 ▾	2017 ▾	2007 ▾	2009 ▾	2011 ▾	2013 ▾	2015 ▾	2017 ▾	2019 ▾	2021 ▾
EMEIEF PROFESSOR JOSE VIEIRA LEAL	2.4	3.2	4.7			2.6	3.2	2.5	3.0	3.4	3.7	4.0	4.3	4.6	4.9

Obs:

Número de participantes no SAEB insuficiente para que os resultados sejam divulgados.

* Sem média no SAEB 2017: Não participou ou não atendeu os requisitos necessários para ter o desempenho calculado.

Os resultados marcados em verde referem-se ao Ideb que atingiu a meta.

Fonte: <http://portal.inep.gov.br/ideb>

Esse quadro demonstrativo expõe a realidade do nível de leitura e raciocínio lógico julgados pelas avaliações externas realizadas na escola no período de 2005 a 2017. Nesse contexto e diante desse panorama, é imprescindível destacar a importância da leitura, da compreensão e interpretação de textos para o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos de maneira geral, tanto para aqueles submetidos a provas de avaliação, quanto àqueles que necessitam dessa habilidade de leitura para a resolução de situações-problemas presentes no cotidiano como um todo.

4.2 Sujeitos

Esta pesquisa foi realizada com a turma do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Mari-PB. É uma turma de vinte e dois alunos: onze meninos e onze meninas; com faixa etária entre nove e doze anos. Todos eles moram no bairro onde a escola está situada. Há alguns alunos repetentes. Os

responsáveis pelos discentes são oriundos de uma estrutura familiar precária, com pouco ou até mesmo nenhum acesso à educação e/ou leitura e, a grande maioria sobrevive com o auxílio de bolsas de baixa renda ofertadas pelo governo federal.

Uma grande parte da turma apresenta um comportamento agressivo, com palavrões e incentivo à criminalidade. O uso de drogas e até arma de fabricação caseira já foi constatado na escola. Eles demonstram interesse por atividades lúdicas e não gostam de tarefas como copiar algo do quadro no caderno. Pedem muito para sair da sala para irem ao banheiro e têm dificuldades de se concentrar na aula. No que se refere à leitura, apesar de muitos não saberem ler com fluência, gostam de ouvir histórias e de manusear livros de literatura infanto-juvenil.

4.3 Dispositivos metodológicos

Esta pesquisa é de natureza aplicada e intervencionista, pois seu objetivo é produzir conhecimentos para aplicação prática. Utilizam-se os conhecimentos teóricos a fim de superar as dificuldades de leitura a partir do gênero contos de fadas através de uma intervenção pedagógica. Possui um caráter descritivo/interpretativo, partindo da análise de textos temáticos diversos, reflexões e estudos de caso. Buscamos ainda, como afirma Gil (1999), nos aproximar dos fenômenos e fatos vividos na escola para desenvolvermos, esclarecermos e propormos mudanças, construindo hipóteses que reflitam no melhor desenvolvimento leitor dos alunos.

Vale salientar que uma pesquisa descritiva/interpretativa permite novas visões sobre uma realidade já conhecida e, quando é possível, estabelece relações de dependência entre variáveis, podendo-se generalizar resultados. Dessa forma, nesse tipo de pesquisa, usam-se padrões textuais (por exemplo, questionários para identificação do conhecimento), que devem ser analisados com muito critério para se chegar a uma conclusão do trabalho realizado.

Nesse contexto, para o desenvolvimento de nossa pesquisa, optamos por uma abordagem qualitativa, que busca estudar aspectos da realidade que não podem ser quantificados, ou seja, pretendemos compreender os fenômenos sob a ótica dos sujeitos envolvidos. Numa pesquisa qualitativa, procura-se, num

determinado período e num determinado ambiente, de forma precisa e detalhada, registrar os fenômenos para, em seguida, interpretá-los e analisá-los, abrindo caminhos para a solução do problema através da intervenção.

A respeito dos procedimentos, nossa pesquisa configura-se como uma pesquisa-ação. A coleta de dados para a nossa pesquisa será feita, inicialmente, através de um questionário e de uma atividade diagnóstica. A escolha pelo questionário deve-se ao fato de que permite traçar, previamente, um perfil dos alunos quanto às suas preferências em relação à leitura. A seguir, discutiremos sobre a proposta de intervenção elaborada para o 4º ano do ensino fundamental.

4.4 Proposta de intervenção para a turma

O hábito da leitura está completamente arraigado ao cotidiano de toda a sociedade. Idosos, adultos, jovens e crianças leem a cada momento e de maneiras as mais diversas possíveis. A leitura está, portanto, diretamente presente no dia a dia de todos, seja em *outdoors*, revistas, legendas de filmes, jornais, histórias em quadrinhos, enfim praticamente tudo colabora ao desenvolvimento do ato de ler.

Nesse sentido, é indubitável a importância da adoção de estratégias que garantam uma maior dinamicidade às aulas, a fim de que, aos alunos, sejam oferecidas oportunidades de construção de habilidades de leitura e compreensão de textos e gêneros textuais diversificados. Dolz e Schneuwly (2004) se posicionam a esse respeito, defendendo ser imprescindível a adoção de metodologias que insiram verdadeiramente o aluno na prática. Eles afirmam que:

As estratégias de ensino supõem a busca de intervenções no meio escolar que favoreçam a mudança e a promoção dos alunos a uma melhor mestria dos gêneros e das situações de comunicação que lhes correspondem. Trata-se, fundamentalmente, de se fornecerem aos alunos os instrumentos necessários para progredir (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 45).

Ainda é válido salientar que, conforme afirmam os autores, para a eficácia das estratégias, sejam elas quais forem, adotadas em sala de aula, é preciso que se tracem os objetivos que se pretende alcançar a fim de que a prática não se torne vazia, mas que seja aplicada segundo normas, metas e razões a serem alcançadas.

Traçar metas e objetivos constitui, assim, uma atividade que precisa ser desenvolvida para que se consigam os objetivos e, especialmente, se alcance o sucesso em relação à construção de conhecimentos dos alunos.

Solé (1998) também se manifesta a respeito e afirma que devem ser ensinadas aos alunos estratégias de compreensão leitora para que eles sejam capazes de encontrar e analisar problemas no processo da leitura, bem como a habilidade para encontrar soluções. Em outras palavras, as estratégias de leitura adotadas para o desenvolvimento das práticas terão, dentre outras funções, a de cultivar nos alunos as habilidades de investigação, criticidade e contextualização necessários ao desenvolvimento da leitura, da compreensão e da interpretação de textos diversos.

Ao ensinar estratégias de compreensão leitora, entre os alunos deve predominar a construção e o uso de procedimentos de tipo geral, que possam ser transferidos sem maiores dificuldades para situações de leitura múltiplas e variadas. Por esse motivo, ao abordar estes conteúdos e ao garantir sua aprendizagem significativa, contribuimos com o desenvolvimento global de meninos e meninas, além de fomentar suas competências como leitores (SOLÉ, 1998, p. 70).

Nesse contexto, entende-se que a adoção de estratégias de leitura objetivam garantir uma maior e melhor compreensão de textos diversos, contribuindo para a formação de um leitor que utiliza meios e instrumentos diversos para fazer da leitura algo simples e dinâmico. Dessa forma, é imprescindível que à criança sejam dadas as condições para que ela se aproprie verdadeiramente da leitura, de forma a desenvolver habilidades e competências textuais.

Dolz e Schneuwly (2004) se posicionam a respeito relacionando a adoção das estratégias de leitura à escolha dos métodos e materiais que serão utilizados nas práticas. Segundo eles, é preciso que os professores insiram em suas práticas de leituras atividades que contextualizem a leitura como sendo algo presente no dia a dia dos alunos e, portanto, de intrínseca importância.

De acordo com Dolz e Schneuwly (2004),

Toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos de aprendizagem, que são sempre de dois tipos: trata-se de aprender a dominar o gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, para melhor saber compreendê-lo, para melhor produzi-lo na escola ou fora dela; e, em segundo lugar, de desenvolver capacidades que ultrapassem o gênero e que são transferíveis

para outros gêneros próximos ou distantes (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 69).

Segundo os autores supracitados, a adoção de gêneros textuais diversificados é uma excelente alternativa para o desenvolvimento leitor e, especialmente, para que os alunos compreendam a importância da leitura no dia a dia. Gêneros como: Receita, Notícias, Poemas, Reportagens, Anúncios, Contos, Crônicas, Lendas, dentre outros que fazem parte do cotidiano leitor influenciam diretamente na construção das habilidades necessárias ao desenvolvimento leitor.

Nessa perspectiva, são apresentadas a seguir as oficinas propostas a serem desenvolvidas, a fim de elucidar como serão trabalhados textos que ilustrem o gênero textual Conto de Fadas na turma alvo da pesquisa. É fundamental afirmar que se trata de uma proposta metodológica e que, portanto, pode sofrer alterações mediante a necessidade de execução do trabalho ou de acordo com o desenvolvimento da turma.

Tomamos por base a sequência didática proposta por Solé (1998). Assim, os procedimentos que sugerimos para esta proposta de intervenção foram divididos em etapas para serem realizadas antes, durante e após a leitura e se estenderam por dez aulas, com duração de quarenta e cinco minutos cada aula. Desta forma, passemos, a seguir, a detalhar como foi aplicada a sequência didática com o gênero contos de fadas.

- **1ª oficina** – Entendendo o gênero Contos de Fadas

Objetivo: Despertar nos alunos a vontade de querer contar, analisar e recontar histórias diversas.

ANTES

Iniciaremos a apresentação da proposta mostrando as atividades que serão trabalhadas a partir das narrativas. Serão explicados os objetivos da intervenção e as etapas das oficinas com o gênero conto de fadas. Essas informações serão repassadas através de conversas informais com os alunos. Dessa forma, os alunos conhecerão as atividades propostas bem como os textos que serão trabalhados durante as aulas. Os alunos serão instigados a socializar o que conhecem sobre o gênero em destaque.

DURANTE

Um pequeno questionário será aplicado com perguntas sobre os contos de fada, do tipo: “quais os contos de fadas que você conhece” ou “quais desses contos combinam mais com você”?

DEPOIS

Eles poderão também contar um trecho de um conto de fadas que eles conhecem. Eles serão impulsionados a buscar informações sobre esse gênero textual.

- **2ª oficina – Ativando os conhecimentos prévios**

Objetivo: Despertar nos alunos as estratégias necessárias à habilidade de leitura.

Conto: O príncipe sapo (Irmãos Grimm) (Ver anexo 1)

ANTES: ativar os conhecimentos prévios

Que tipo de animal é o sapo? Onde ele vive? De que se alimenta? Faz bem ou mal aos seres humanos?

Existe sapo que vira príncipe?

Como você imagina a vida de um sapo príncipe?

DURANTE: realizar inferências: ler alguns trechos da história para os alunos e fazer pausas para perguntar o que eles acreditam que vai acontecer naquele momento. Para isso, fazer uso de perguntas do tipo: “e se a bolinha de ouro da princesa caísse”? “O que a princesa poderia oferecer em troca de sua bolinha”? “Qual o interesse do sapo”? “Será que a princesa vai cumprir com o prometido”? “O que você acha que vai acontecer agora”? Fazer um levantamento das atitudes boas e ruins no conto. As mesmas podem ser expostas no quadro.

DEPOIS: produção artística: realizar produção por meio de desenho do conto ouvido e/ou lido.

- **3ª oficina – Os elementos que compõem os Contos de Fadas**

Objetivo: Conhecer os elementos que compõem os contos de fadas

Conto: Chapeuzinho Vermelho (Charles Perrault) (Ver anexo 3)

ANTES

A professora lerá em voz alta para os alunos o conto Chapeuzinho Vermelho e fará questionamentos a partir da capa do livro, do título, das imagens e de trechos do conto assim como nos ensina Isabel Solé (1998).

DURANTE

Após esse primeiro momento, serão apontados os elementos que compõem a narrativa. Isso deverá ser realizado a partir de questões como: Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

DEPOIS

Ao término da atividade, os alunos receberão o conto recortado em partes para que possam montá-lo observando que a narrativa tem início, meio e fim. Deverá ser feita uma avaliação para que os alunos percebam o que aprenderam durante a oficina.

- **4ª oficina** – A importância das capas dos Contos de Fadas

Objetivo: Perceber a importância das imagens contidas nas capas dos contos de fadas.

Conto: Branca de neve e os sete anões (Irmãos Grimm) (Ver anexo 4)

ANTES

Ler o conto e conversar sobre a narrativa com perguntas como: O que mais gostaram no conto? Qual a parte da história que acharam mais interessante? A capa do livro diz muito ou pouco da narrativa? É possível contar histórias apenas com as imagens das capas dos livros?

DURANTE

Propor aos alunos um esboço de capa para ilustrar as histórias ouvidas na sala.

DEPOIS

Após os desenhos realizar uma exposição dos mesmos na sala.

- **5ª oficina** – Trabalhando a entonação

Objetivo: Utilizar a entonação adequada na oralidade.

Conto: A Bela Dormecida (Charles Perrault) (Ver anexo 5)

ANTES

A partir do título, realização da leitura antecipando situações;

Com a cópia impressa do conto fazer leitura silenciosa;

DURANTE

Conversa informal sobre as diferenças entre o antes e o depois da leitura;

Leitura oral pela professora para os alunos perceberem a entonação, expressividade, clareza e fluência;

DEPOIS

Recortar trechos do conto e colocar dentro de um saquinho. Cada aluno sorteia um trecho para ser lido oralmente para os colegas.

- **6ª oficina** – Descobrindo a sinopse dos contos de fadas

Objetivo: Demonstrar o entendimento sobre uma sinopse e sua importância

Conto: Cinderela (Charles Perrault) (Ver anexo 6)

ANTES

Ler o conto Cinderela silenciosamente e, depois, em voz alta;

Recontar da história coletivamente;

DURANTE

Manusear de livros do acervo da escola;

Observar os livros de contos trabalhados em sala para identificar o local onde se encontra a sinopse;

Ler a sinopse dos livros e responder as seguintes questões: “Você entendeu a sinopse?”, “A sinopse te deixou curioso para ler o livro?”, “Você saberia fazer a sinopse de uma história?”;

DEPOIS

Escolher um conto e fazer uma pequena sinopse oral. Essas serão lidas em voz alta para que, coletivamente, a turma possa discutir sobre a veracidade das informações contidas nelas.

- **7ª oficina** – Conhecendo os autores dos contos de fadas

Objetivo: Conhecer os autores dos contos originais trabalhados na sala

ANTES

Realizar roda de conversa para discutir sobre a importância dos autores para as narrativas; Utilizar os seguintes questionamentos: “para quem o autor está escrevendo o livro?”, “quando ele escreveu?”, “como ele se sentia quando escreveu?”, “o que ele utilizou para escrever, dentre outros;

DURANTE

Expor imagens dos autores no Datashow, assim como suas biografias;

Mostrar a diferença entre os contos originais e as adaptações feitas atualmente;

DEPOIS

Confeccionar, em cartazes, a biografia dos autores dos contos de fadas trabalhados na sala. Essas informações serão fornecidas pela professora que auxiliará na tarefa com fotos e dados dos escritores.

5 INCENTIVO À LEITURA: contar e recontar histórias – análise dos dados

O presente estudo desenvolveu-se mediante inquietações a respeito das dificuldades de leitura dos alunos da turma em que foram aplicadas as atividades, apoiando-se em discussões de autores como Solé (1998) e Pietri (2009) para os quais a leitura lamentavelmente não fazem parte do cotidiano dos alunos, fato que contribui negativamente em sua formação. Diante do objetivo geral, elencado para o desenvolvimento da presente pesquisa, este capítulo apresenta as reflexões construídas a partir dos resultados da pesquisa realizada.

Para a obtenção das informações aqui analisadas, utilizaram-se como instrumento de intervenção as estratégias de leitura discutidas por Solé (1998), além do uso do gênero textual conto de fadas. Aqui, é importante destacar sobre as oficinas de leitura que de acordo com Kleiman (2001), elas seguem orientações pedagógicas num processo interativo de professor e aluno, tendo como meta “[...] atividades que criam condições para o leitor em formação retomar o texto e, na retomada, compreendê-lo” (KLEIMAN, 2001, p. 9).

No mesmo sentido, Girotto e Souza (2010), apresentam as oficinas de leitura como sendo momentos destinados ao ensino focado em uma estratégia, de forma a se organizar ambiente, tempo e recursos a serem utilizados para uma metodologia previamente planejada pelo professor. No caso das oficinas desenvolvidas, foram utilizadas atividades de leitura baseadas nas narrativas de contos de fadas, destacando a oralidade, a contação de histórias, a recriação, entendimento das partes que compõem a narrativa, dentre outros.

Tendo em vista que a prática de leitura é indiscutivelmente um processo contínuo e gradual que necessita, pois, de incentivo e prática, as atividades de leitura das oficinas foram realizadas dois dias por semana, na própria sala de aula, devido à restrição de espaço da escola e à ausência de uma biblioteca. Foram propostas dinâmicas de leitura individuais e compartilhadas das narrativas de contos de fadas, baseadas nas estratégias de leitura de Isabel Solé (1998). Sendo assim, a proposta foi “(...) inicialmente, ensinar os alunos a pensar sobre as leituras e deixar marcas, pistas, indícios de suas ideias no texto lido. E, na sequência, levá-los a perceber como utilizam as estratégias para e na compreensão” (GIROTTTO; SOUZA, 2010, p. 58).

A aplicação atividades das oficinas de leitura foram realizadas nas segundas e sextas-feiras durante dois meses, de outubro a dezembro/2019. A seguir, são apresentados os quadros com a descrição de cada oficina aplicada. Em seguida, as reflexões desenvolvidas mediante à aplicação das oficinas e as discussões à luz de alguns autores que embasaram o estudo.

Quadro 2: Descrição da primeira oficina temática

	Tema da oficina	Objetivo da oficina	Atividade executada
1º E N C O N T R O	ENTENDENDO O GÊNERO CONTO DE FADAS. Duração: 01h30min	-Criar um momento de socialização na turma; -Mostrar que os contos de fadas já fazem parte da vida dos alunos; -Despertar nos alunos a vontade de querer contar, analisar e recontar histórias diversas.	<i>1º momento:</i> Foi feita com a turma uma conversa informal a fim de socializar como seriam desenvolvidas as atividades do dia; <i>2º momento:</i> Aplicou-se um questionário para que fosse possível diagnosticar a afinidade e o contato que os alunos tinham com os contos de fadas; <i>3º momento:</i> Em seguida, iniciou-se uma contação de histórias coletiva.

Nessa etapa inicial da aplicação da pesquisa, buscou-se traçar os primeiros incentivos à leitura e à contação de histórias. Foi feita com a turma uma conversa de início a fim de socializar como seriam desenvolvidas as atividades do dia. Ainda aplicou-se um questionário para que fosse possível diagnosticar a afinidade e o contato que os alunos tinham com os contos de fadas. O objetivo era mostrá-los que os contos de fadas já fazem parte de suas vidas e que, portanto, eles já conheciam muitas das histórias que seriam trabalhadas ao longo da aplicação das oficinas desenvolvidas.

O quadro a seguir apresenta um panorama com as respostas obtidas no questionário (Ver apêndice 1).

Tabela 1 - Você gosta de ler?

Sim	Não
12	10

Fonte: Elaborada pela autora – 2019

A turma ficou bem dividida ao responder essa pergunta, pois muitos falaram que “ler é algo cansativo, chato e difícil”. Já outros disseram que “ler é muito bom porque as histórias são divertidas e as crianças aprendem várias coisas”. Sendo assim, o que se pode perceber é que o hábito de ler ainda precisa ser incentivado nas escolas, pois é necessário desmistificar a ideia de que a leitura é algo difícil ou entediante.

Tabela 2 - Você gosta de ouvir histórias?

Sim	Não
19	3

Fonte: Elaborada pela autora – 2019

Na segunda questão o que se pode perceber é que a turma foi quase unânime ao afirmar que gosta de ouvir histórias. Nas atividades de roda de leitura os alunos sempre demonstravam atenção e interesse em ouvir as narrativas. Os alunos que afirmaram não gostar de ouvir histórias não souberam justificar a resposta. Mesmo com essa resposta, eles participaram das atividades sem mostrar desinteresse.

Tabela 3 - Você gosta de contar histórias?

Sim	Não
21	1

Fonte: Elaborada pela autora – 2019

Os alunos, sempre que incentivados a contar histórias oralmente, demonstraram interesse imediato. Em atividades desse tipo, todos participavam e ficavam extasiados em poderem expor suas experiências com a contação de piadas, lendas, contos de terror ou de bruxas, princesas e fadas. Relatos pessoais contados

por familiares e amigos também faziam parte desse acervo. Aliás, estes últimos estão constantemente sendo utilizados nas rodas de conversas dos alunos.

Tabela 4 - Quais os tipos de histórias que você mais gosta?

Terror	Engraçadas	Príncipes e princesas	Lendas	Fadas e bruxas	Outras
9	3	7	1	2	0

Fonte: Elaborada pela autora – 2019

Os alunos do sexo masculino têm, em sua maioria, preferência por histórias de terror. Em suas conversas, percebe-se que eles se sentem superiores em contar esse tipo de história, demonstrando coragem e tentando instigar o medo nos ouvintes. As meninas, em sua maioria, preferem os contos de fadas com príncipes e princesas e um final feliz. Elas se identificam com as princesas e gostam de idealizarem-se como personagens dessas histórias.

Tabela 5 - Já ouviu falar em contos de fadas?

Sim	Não
22	0

Fonte: Elaborada pela autora – 2019

Todos os alunos afirmaram conhecer os contos de fadas. Isso não foi surpresa porque esse tipo de leitura sempre foi trabalhado nas aulas, por serem leituras voltadas, em sua grande maioria, para o público infantil, por fazerem parte do acervo da “sala de leitura” da escola e também por serem um dos nossos primeiros contatos com o mundo da leitura

Tabela 6 - Cite alguns contos de fadas que você conhece.

Cinderela	19
Branca de Neve e os sete anões	22
A bela e a fera	17

O príncipe sapo	2
João e Maria	9
Chapeuzinho Vermelho	22
Rapunzel	5
Outros	6

Fonte: Elaborada pela autora – 2019

Entre os contos de fadas mais conhecidos estão *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Chapeuzinho Vermelho* e *a Bela e a Fera*. Isso se deve ao fato de serem histórias que são exibidas com mais frequência na televisão, assim como, estarem presentes constantemente no acervo da escola e de papelarias. Apenas dois alunos conheciam o conto *O Príncipe Sapo*. Pode ser explicado por acontecer o contrário dos motivos citados há pouco: não tinha na escola nem é encontrado com facilidade nas papelarias.

Em seguida, iniciou-se uma contação de histórias coletiva a fim de que todos participassem da atividade e demonstrassem a interação com os fatos que compunham a história e o domínio da narrativa. Alguns alunos se dispuseram a contar um conto que lhe viesse na memória. À medida que um colega contava a história escolhida, os demais demonstraram considerável atenção e até ajudaram em alguns trechos das narrativas.

Essa atividade foi bastante proveitosa e útil para a pesquisa e para o desenvolvimento dos alunos. Foram trabalhadas e aprimoradas habilidades referentes à oralidade, à memória, à interação entre os colegas, à atenção, ao tempo de participação de cada aluno, ao respeito de esperar a sua vez e deixar o colega fazer sua apresentação, à criatividade e entonação ao modo como cada história seria contada, dentre outras. Vale destacar, nesse contexto, a intensa atenção e participação de alguns alunos que não socializavam com os demais no dia a dia das aulas.

A respeito da contação de histórias, BALDI (2009), assegura que se trata de uma atividade indispensável para desenvolver capacidades relacionadas ao reencontro das histórias lidas e ouvidas, de forma a trazer os principais elementos de construção, como personagens, fatos, tempo, lugar, etc., estrutura e linguagem,

contribuindo, assim, para o desenvolvimento de habilidades orais e escritas nos alunos.

Sendo assim, é indiscutível afirmar que essa atividade aplicada inicialmente foi imprescindível para o desenvolvimento geral da pesquisa, já que foi possível traçar um panorama que caracterizou até que ponto os alunos tinham contato com os contos, demonstrando domínio de narrativas e de sua contação. Além disso, foi também importante para despertar nos alunos a vontade de querer contar, analisar e recontar histórias diversas.

Quadro 3: Descrição da segunda oficina temática

	Tema da oficina	Objetivo da oficina	Atividade executada
2º E N C O N T R O	ATIVANDO OS CONHECIMENTOS PRÉVIOS Conto: <i>O Príncipe Sapo</i> Duração: 01h30min	- Despertar nos alunos as estratégias necessárias à habilidade de leitura; - Despertar nos alunos a vontade de ler; - Realizar uma reflexão sobre as atitudes das personagens principais do conto.	<i>1º momento:</i> Na primeira etapa, os alunos foram instigados a conhecer, através dos elementos presentes na capa do livro, os personagens do conto <i>O Príncipe Sapo</i> a partir de algumas perguntas como: Que tipo de animal é o sapo? Existe sapo que vira príncipe? <i>2º momento:</i> Foram lidos alguns trechos da história. Ao ouvir o trecho da história os alunos começaram a fazer inferências imaginando o que estava por vir. <i>3º momento:</i> Fez-se uma roda de conversa. A turma foi dividida em duas equipes para analisar o comportamento do príncipe sapo e da princesa. No quadro foi desenhada uma tabela para escrever as atitudes boas e ruins

			das personagens. 4º momento: Foi proposta aos alunos uma produção artística do conto trabalhado. Eles ilustraram o título <i>O Príncipe Sapo</i> e fez-se uma exposição para que cada um pudesse apreciar o trabalho do colega.
--	--	--	---

Aqui foram utilizadas, conforme já apresentado nas discussões anteriores, as propostas indicadas por Solé (1998) de estratégias de contação oral, a saber: ativação dos conhecimentos prévios, realização de inferências, reflexão acerca do que foi contado/ouvido, produção final.

Nesse sentido, foi utilizado o conto “O príncipe sapo” (Anexo 1) como recurso a ser usado para despertar nos alunos as estratégias necessárias à habilidade de leitura e ao desenvolvimento da pesquisa. Foram aplicadas quatro etapas conforme serão descritas abaixo.

Na primeira etapa, os alunos foram instigados a conhecer, através dos elementos presentes na capa do livro, os personagens do conto. A partir de algumas perguntas como *Que tipo de animal é o sapo?* e *Existe sapo que vira príncipe?* as crianças socializaram ideias e opiniões a fim de mostrarem seus conhecimentos prévios acerca da história. Foi uma conversa produtiva na qual os alunos foram motivados a querer conhecer o conteúdo do livro.

Na segunda etapa, a fim de despertar nos alunos a vontade de ler, foram lidos alguns trechos da história como no exemplo a seguir.

“Uma tarde, a princesa se distraiu e deixou sua bola de ouro cair na grama, de onde ela rolou e mergulhou na água escura da lagoa. Ao ver sua bola desaparecer no lodo, a princesinha começou a chorar. Chorou tanto e tão alto, que chamou a atenção de um sapo”.

Ao ouvir esse trecho da história os alunos começaram a fazer inferências imaginando o que estava por vir. Cada aluno tinha uma opinião sobre o que aconteceria a seguir: uns diziam que o sapo iria pedir um beijo à princesa; outros, que ela iria gritar e correr assustada; outros ainda, que o sapo ajudaria a princesa.

Foi um momento de grande euforia, cada um querendo descobrir o que iria acontecer na história.

Em um terceiro momento, fez-se uma roda de conversa para que a turma realizasse uma reflexão sobre as atitudes das personagens principais do conto. A turma foi dividida em duas equipes para que cada uma delas analisasse na história o comportamento do príncipe sapo e da princesa uma vez que foi possível entender que “ensinar a formular e responder a perguntas sobre um texto é uma estratégia essencial para uma leitura ativa” (SOLE, 1998, p.155). No quadro foi desenhada uma tabela para escrever as atitudes boas e ruins das personagens. A princesa, de acordo com os alunos, teve um comportamento ruim, enquanto o sapo apresentou uma postura considerada boa.

Na última etapa foi proposta aos alunos uma produção artística do conto trabalhado. Eles ilustraram o título *O Príncipe Sapo* e fez-se uma exposição para que cada um pudesse apreciar o trabalho do colega. Também foram escolhidos por eles, através de votação, os trabalhos mais bonitos usando os seguintes critérios: criatividade, fidelidade ao título, preenchimento da pintura, tamanho do desenho.

Quadro 4: Descrição da terceira oficina temática

	Tema da oficina	Objetivo da oficina	Atividade executada
3º E N C O N T R O	OS ELEMENTOS QUE COMPÕEM OS CONTOS DE FADAS. Conto: <i>Chapeuzinho Vermelho</i> Duração: 01h30min	- Conhecer os elementos que compõem os contos de fadas; - Identificar no texto elementos como tempo, espaço, personagens principais, narrador etc.	<i>1º momento:</i> O texto foi lido em voz alta para a turma. Como em atividades anteriores, foram realizados questionamentos sobre a capa do livro, sobre as personagens, sobre trechos lidos etc. <i>2º momento:</i> Iniciou-se um apontamento dos elementos que fazem parte de um conto de fadas. <i>3º momento:</i> A história foi lida novamente, porém, com pausas para perguntas como: Quando isso ocorre? Em que lugar se passa a história?

			Quais as personagens que mais se destacam? Quem conta a história? <i>4º momento:</i> A turma recebeu um envelope com a história resumida e recortada em quatro partes. Então montaram a sequência e foi feita uma avaliação coletiva para que cada aluno pudesse ter contato, repetidas vezes, com a sequência correta dos fatos.
--	--	--	---

Nessa oficina foram trabalhados os elementos que compõem os contos de fadas. Para isso, fez-se uso do conto *Chapeuzinho Vermelho* (Anexo 3), de Charles Perrault. Quando questionados sobre o conto, os alunos, por unanimidade, afirmaram que já o conheciam. Isso, de certa forma, facilitou bastante no desenvolvimento da atividade. O texto foi lido em voz alta para a turma. Como em atividades anteriores, foram realizados questionamentos sobre a capa do livro, sobre as personagens, sobre trechos lidos etc.

Após esse momento de apreciação do livro, iniciou-se um apontamento dos elementos que fazem parte de um conto de fadas. Para isso, a história foi lida novamente, porém, com pausas para perguntas como: *Quando isso ocorre? Em que lugar se passa a história? Quais as personagens que mais se destacam? Quem conta a história?* Esses questionamentos têm o objetivo de fazer com que os alunos identifiquem no texto elementos como tempo, espaço, personagens principais, narrador etc.

Mais adiante a turma recebeu um envelope com a história resumida e recortada em quatro partes para que compreendessem que as narrativas seguem um padrão que conta com a seguinte estrutura: situação inicial, conflito, desenvolvimento e desfecho. Eles montaram a sequência e foi feita uma avaliação coletiva para que cada aluno pudesse ter contato, repetidas vezes, com a sequência correta dos fatos

Quadro 5: Descrição da quarta oficina temática

	Tema da oficina	Objetivo da oficina	Atividade executada
4º E N C O N T O R O	A IMPORTÂNCIA DAS CAPAS DOS CONTOS DE FADAS Conto: <i>Branca de Neve e os Sete Anões</i> Duração: 01h30min	- Incentivar o hábito da leitura através da contação de histórias; - Perceber a importância das imagens contidas nas capas dos contos de fadas.	<i>1º momento:</i> Após a leitura do conto, conversamos sobre a narrativa com perguntas como: O que mais gostaram no conto? Qual a parte da história que acharam mais interessante? A capa do livro diz muito ou pouco da narrativa? É possível contar histórias apenas com as imagens das capas dos livros? <i>2º momento:</i> Foi proposto aos alunos um esboço de capa para ilustrar as histórias ouvidas na sala. Eles fizeram desenhos de como seriam as capas desses contos. <i>3º momento:</i> Os alunos se organizaram em grupos para que todos pudessem ter acesso aos materiais oferecidos como: lápis de cor, hidrocor, réguas, borrachas, tinta guache, pincéis etc. <i>4º momento:</i> Após os desenhos foi realizada uma exposição dos mesmos na sala.

Para iniciar a oficina utilizou-se o conto *Branca de Neve e os Sete Anões* (Anexo 4) dos Irmãos Grimm. A intenção de geralmente trazer contos para o início das atividades é incentivar o hábito da leitura através da contação de histórias, assim como usar os contos enquanto exemplo para as atividades que foram trabalhadas durante as aulas.

É importante salientar que os contos de fadas trabalhados na sala de aula eram de uma versão reduzida, pois os contos originais possuem uma estrutura bem

maior e os alunos do 4º ano do ensino fundamental não conseguiriam trabalhar com eles. Dessa forma, optou-se por escolher versões da literatura vendidas em papelarias. No entanto, aos alunos foi explicado e mostrado a diferença entre o livro original e as versões trabalhadas nas atividades.

Após a leitura do conto, conversamos sobre a narrativa com perguntas como: *O que mais gostaram no conto? Qual a parte da história que acharam mais interessante? A capa do livro diz muito ou pouco da narrativa? É possível contar as histórias apenas com as imagens das capas dos livros?* Essas questões geraram uma conversa proveitosa que serviu como meio de avaliação do desenvolvimento da aprendizagem da turma.

Ao término das atividades desta aula, foi proposto aos alunos um esboço de capa para ilustrar as histórias ouvidas na sala. Eles fizeram desenhos de como seriam as capas de seus livros. Essa foi uma atividade que gerou bastante alegria e motivação. Os alunos se organizaram em grupos para que todos pudessem ter acesso aos materiais oferecidos como: lápis de cor, hidrocor, réguas, borrachas, tinta guache, pincéis etc. Após os desenhos foi realizada uma exposição dos mesmos na sala.

Quadro 6: Descrição da quinta oficina temática

	Tema da oficina	Objetivo da oficina	Atividade executada
5º E N C O N T R O	TRABALHANDO A ENTONAÇÃO Conto: <i>A Bela Adormecida</i> Duração: 01h30min	- Apreciar contos de fadas tradicionais; - Recontar histórias lidas e ouvidas; - Utilizar a entonação adequada na oralidade.	<i>1º momento:</i> A partir do título, os alunos foram instigados a realizar a leitura antecipando algumas situações; <i>2º momento:</i> Os alunos receberam a cópia impressa do conto para uma leitura silenciosa; <i>3º momento:</i> Conversa informal sobre as diferenças entre o que conseguiram lembrar antes da leitura e o que o texto trouxe; <i>4º momento:</i> Após esse momento, foi realizada a leitura oral pela professora

			para os alunos perceberem a entonação, expressividade, clareza e fluência; <i>5º momento:</i> Foram recortados trechos do conto e colocados dentro de um saquinho. Cada aluno sorteou um trecho para ser lido oralmente para os colegas, do melhor jeito possível.
--	--	--	---

A oficina iniciou-se com a apresentação do título do conto A Bela Adormecida (Anexo 5). Cada aluno queria contar o que sabia da história. Dessa forma, foi aberta uma roda de conversa para que a turma pudesse demonstrar seus conhecimento prévio acerca do conto. Foi uma atividade bastante produtiva porque houve um espaço repleto de interação, experiências, respeito a fala do outro, enfim. No entanto, foi preciso ter uma dinâmica de organização e cuidados para que os alunos não fugissem do tema com conversas paralelas ou só alguns se destacassem e outros ficassem em silêncio.

Ao receberem a cópia impressa do conto para uma leitura silenciosa, perceberam as lacunas deixadas nas contações anteriores. Foi explicado a eles que, por mais que lembremos de uma história, se não praticarmos a leitura não conseguiremos ser fiéis aos fatos das narrativas. Acerca disso, Solé (1998) afirma o seguinte:

A “preparação” da leitura em voz alta, permitindo que as crianças façam uma primeira leitura individual e silenciosa, antes da oralidade, parece-me um recurso que deveria ser utilizado (SOLÉ, 1998, p. 99).

Após a leitura em voz alta pela professora, foi realizada uma atividade para concluir a aula: foram recortados trechos do conto ouvido e colocados dentro de um saquinho. Cada aluno sorteou um trecho para ser lido oralmente para os colegas, do melhor jeito possível. Esse momento foi proveitoso para a realização de uma avaliação acerca das questões de entonação e criatividade por parte dos alunos. Também foi um momento de muitas risadas pelos exageros na fala e na expressão de alguns alunos no reconto da narrativa.

Quadro 7: Descrição da sexta oficina temática

	Tema da oficina	Objetivo da oficina	Atividade executada
6º E N C O N T R O	DESCOBRINDO A SINOPSE DOS CONTOS DE FADAS Conto: <i>Cinderela</i> Duração: 01h30min	-Mostrar onde se localiza a sinopse dos livros. -Demonstrar o entendimento sobre uma sinopse e sua importância; -Expressar-se de forma clara e coerente.	<i>1º momento:</i> Inicialmente foi lido o conto de Cinderela com os alunos, primeiro silenciosamente e depois em voz alta pela professora. <i>2º momento:</i> Houve um reconto oral da história em que cada um colaborou com informações que foi lembrando ou olhando no texto; <i>3º momento:</i> Em seguida, os alunos manusearam livros diversos no próprio acervo de livros da escola, dentre os quais estavam exemplares do conto <i>Cinderela</i> . <i>4º momento:</i> Pedindo que eles lessem a sinopse de alguns livros, foi questionado depois acerca da reação que tiveram ao lê-las. “Você entendeu a sinopse?”, “A sinopse te deixou curioso para ler o livro?”, “Você saberia fazer a sinopse de uma história?” <i>5º momento:</i> A atividade seguinte foi que os alunos escolhessem um conto e fizesse uma sinopse oral, ou seja, cada aluno contou, à sua maneira, para a turma, como seria a sinopse daquela história.

Inicialmente foi lido o conto de Cinderela (ANEXO 6) com os alunos, primeiro silenciosamente e depois em voz alta pela professora. Houve um reconto oral da

história em que cada um colaborou com informações que foi lembrando ou olhando no texto. Essa atividade de recontar a história é relevante para trabalhar a oralidade, a memória, a criatividade, o desenvolvimento do ato de falar em público, entre outros.

Em seguida, os alunos manusearam livros diversos no próprio acervo de livros da escola, dentre os quais estavam exemplares do conto Cinderela. O objetivo foi mostrá-los onde ficava a sinopse dos livros. Pedindo que eles lessem a sinopse de alguns livros, foi questionado depois acerca da reação que tiveram ao lê-las. “Você entendeu a sinopse?”, “A sinopse te deixou curioso para ler o livro?”, “Você saberia fazer a sinopse de uma história?”, foram alguns dos questionamentos feitos.

“Achei a sinopse interessante porque conta um pouco da história” (Aluno A).

“A sinopse é importante para conhecermos o livro” (Aluno B).

“É muito fácil fazer uma sinopse; é só contar um pouquinho de uma história” (Aluno C).

Esses registros de algumas falas dos alunos foram bem significativos, afinal foi possível perceber que o entendimento sobre uma sinopse e sua importância foi consolidado pelos alunos.

A atividade seguinte foi que os alunos realizassem oralmente a sinopse de um conto escolhido por eles. Alguns tiveram dúvidas, vieram perguntar como poderiam começar; outros relataram apenas uma parte das histórias, outros queriam contar a história toda. Outros ainda quiseram fazer a sinopse dizendo apenas uma frase. As orientações foram dadas e repetidas várias vezes e eles conseguiram terminar a atividade.

Quadro 8: Descrição da sétima oficina temática

	Tema da oficina	Objetivo da oficina	Atividade executada
7º E N C O	CONHECENDO OS AUTORES DOS CONTOS DE FADAS	-Conhecer os autores dos contos originais trabalhados na sala; -Compreender que	1º momento: Inicialmente em uma roda de conversa, conversou-se a respeito da importância de se saber o autor dos textos que são lidos; 2º momento: Foram discutidos elementos como: “para quem o autor

N T R O	Duração: 01h30min	os contos passam por reescritas com o passar dos anos. - Montar cartazes sobre os autores dos contos	está escrevendo o livro?”, “quando ele escreveu?”, “como ele se sentia quando escreveu?”, “o que ele utilizou para escrever, dentre outros. <i>3º momento:</i> Foram expostas no aparelho de Datashow, imagens que ilustravam os autores das histórias trabalhadas: <i>Os Irmãos Grimm</i> e <i>Charles Perrault</i> a fim de que fossem apresentadas algumas informações sobre eles. <i>4º momento:</i> Foi socializado com os alunos que as histórias originais apresentavam algumas distinções em relação às adaptações que são divulgadas no mercado atualmente. Já que originalmente algumas delas continham cenas e conduções narrativas voltadas para o terror e, portanto, não eram totalmente infantis como são hoje, sempre culminando em um desfecho de “viveram felizes para sempre”. <i>5º momento:</i> Depois dessas explanações a respeito dos autores, a turma foi dividida em dois grupos e cada um ficou responsável por montar um cartaz sobre cada autor com fotos, imagens e algumas de suas obras.
------------------	-------------------	---	--

Essa sétima oficina deu uma atenção especial aos autores originais dos contos trabalhados. Inicialmente em uma roda de conversa, conversou-se a respeito da importância de se saber o autor dos textos que são lidos. Foram discutidos

elementos como: “para quem o autor está escrevendo o livro?”, “quando ele escreveu?”, “como ele se sentia quando escreveu?”, “o que ele utilizou para escrever, dentre outros.

Foram expostas no aparelho de Datashow, imagens que ilustravam os autores das histórias trabalhadas: Os Irmãos Grimm e Charles Perrault a fim de que fossem apresentadas algumas informações sobre eles. O objetivo era que os alunos conhecessem um pouco sobre esses autores.

É importante destacar ainda que foi socializado com os alunos que as histórias originais apresentavam algumas distinções em relação às adaptações que são divulgadas no mercado atualmente. Já que originalmente algumas delas continham cenas e conduções narrativas voltadas para o terror e, portanto, não eram totalmente infantis como são hoje, sempre culminando em um desfecho de “viveram felizes para sempre”.

Depois dessas explanações a respeito dos autores, a turma foi dividida em dois grupos e cada um ficou responsável por montar um cartaz sobre cada autor. Nos cartazes, estavam dispostas fotos e imagens dos autores e algumas informações sobre suas biografias, além de algumas obras. Esses elementos foram disponibilizados para que os alunos pudessem fazer a atividade.

Pode-se dizer que foi uma oficina tranquila e com um bom aproveitamento, já que os alunos gostam muito de confeccionar cartazes e trabalhar em grupo. Além disso, acharam importante saber quem escreveu os contos trabalhados em sala, pois, apesar de realizarem atividades nas quais eram questionadas sobre o nome do autor do livro, eles não tinham uma visão voltada à importância desse autor para a obra, nem tão pouco de sua originalidade nos primeiros contos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais, as discussões sobre práticas docentes, propostas metodológicas, qualidade de ensino, formação de conhecimentos, dentre outras, têm permeado as instâncias da educação em todo o país, atingindo direta ou indiretamente, toda a população, haja vista que a educação se constitui como um bem primordial da sociedade, considerada por muitos, como elemento essencial para o progresso da nação. A leitura e produção de textos são tidas, nesse aspecto, como aparatos capazes de influenciar, positiva ou negativamente, na formação educacional de um indivíduo.

Nesse contexto, é importante lembrar que os processos de leitura e de escrita estão diretamente ligados à prática metodológica. Estão, assim, presentes de forma clara no cotidiano do professor e de todos os alunos, até daqueles que não leem e não escrevem cotidianamente, mas que precisam dessas habilidades para desempenhar desde tarefas simples do dia a dia, até atividades mais complexas como ler, compreender, interpretar e produzir um texto, seja qual for o gênero textual em que ele se encaixa.

Dessa maneira, pode-se afirmar que essas atividades constituem práticas diretamente ligadas à sociedade e, portanto, ao crescimento educacional dos indivíduos, já que leitura e escrita contribuem positivamente no processo de construção de conhecimentos dos alunos, dos professores e da sociedade em geral.

Para isso, é necessário que sejam quebrados os paradigmas que associam à leitura e à escrita uma conotação de dificuldade e de robotização. Isto é, é necessário que se rompa com o caráter de leitura por simples decodificação a fim de que os alunos, sejam eles de quaisquer etapas da educação básica, tenham condições plenas de ler, entender e de produzir textos de diversos gêneros textuais mediante seu nível de ensino.

Nesse contexto, entende-se que é nessa perspectiva que o processo de leitura e escrita deve ser pensado, por exemplo, mediante uma prática efetiva, presente no dia a dia dos alunos e totalmente prática para que os alunos sejam protagonistas do processo. Para isso, é extremamente indispensável que os alunos tenham acesso a formas metodológicas distintas e variadas, contextualizadas,

integrantes e práticas a fim de que sejam desenvolvidas reais habilidades de leitura e escrita.

Diante das discussões desenvolvidas e da aplicação da pesquisa, foi possível inferir que os objetivos propostos anteriormente foram alcançados, visto que houve uma notável melhoria no nível de leitura e compreensão de textos dos alunos. Da leitura oral à habilidade linguística, existiu um considerável crescimento na clareza, na coerência, no encadeamento de ideias e no entendimento de um texto de maneira geral. É importante, no entanto, salientar que essa evolução não pôde ser observada em alguns alunos por demonstrarem intensas dificuldades na perspectiva da leitura e do letramento.

Os alunos demonstraram compreender a importância da leitura para o seu dia a dia na formação escolar e na atuação cidadã. A aplicação da proposta de intervenção foi imprescindível para nortear o papel do professor no incentivo à leitura dos alunos, para a construção de habilidades e competências leitoras e para a identificação de alguns elementos que compõem a estrutura do gênero textual contos de fadas. Além disso, o foco dado à leitura individual, por mais silabada que fosse em alguns casos, e à leitura compartilhada e comunitária das narrativas de contos de fadas foi essencial para assegurar que os objetivos foram verdadeiramente alcançados, apesar de algumas limitações.

Cabe aqui destacar que foram enfrentadas algumas dificuldades na aplicação dessas oficinas com as narrativas dos contos de fadas: alguns alunos apresentaram um grau de leitura muito limitado e apenas silabaram algumas poucas frases dos textos; outros, por sua vez, estavam em situação um pouco mais preocupante, visto que não demonstraram competência alguma de leitura, apesar de estarem no 4º ano do ensino fundamental, vindos do ciclo de alfabetização sem terem sido alfabetizados devidamente.

Não obstante, é imprescindível salientar que os alunos que participaram ativamente das atividades propostas nas oficinas demonstraram uma notável evolução nas habilidades linguísticas relacionadas à leitura, releitura e compreensão dos textos trabalhados em sala.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para a formação de leitores de literatura**. Porto Alegre: Projeto, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília MEC/SEF, 1998. 3v.

CAVALCANTI, J. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Paulus, 2002.

DOLZ, J. SCHNEUWLY, B. (Org.) **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**; em três artigos que se completam. 7. ed. São Paulo, Cortez/ Campinas, autores associados, 1984.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercício de militância e divulgação**. Campinas, Mercado de Letras; ALB, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. – São Paulo: Atlas, 1999.

GIROTTI, Cyntia G. S.; SOUZA, Renata J. de. **Estratégias de Leitura: Para ensinar alunos a compreender o que lêem**. In: SOUZA, Renata (org.). **Ler e Compreender: estratégias de leitura**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2010, p. 45-114.

KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1993.

_____ **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. 8ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____ **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 10.ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

_____ **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 7.ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.

KOCH, I. V., ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

SILVA, Ezequiel. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 4. ed. São Paulo, Cortez; Autores Associados, 1987.

SILVA, L. T. B. et all. **Língua, Linguagem e Produção de Conhecimento Científico**. In: TEIXEIRA e DIAS (Orgs.) **Língua, Linguagem e Produção de conhecimento na educação a distância**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2 ed.- rev- Goiânia: Cânone Editorial, 2009.

SILVEIRA, M. C. A. A. **Literatura Infantil: Gêneros Textuais em mediações de leitura**. In: TEIXEIRA, L. M; DIAS, P. R. F. (Orgs.) **Língua, Linguagem e Produção de**

conhecimento na educação a distância. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

SOLE, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

WALTY, I. L. C. Literatura e escola: anti-lições. In: EVANGELISTA, A. A. M; BRANDÃO, H. M. B; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.) **A escolarização da leitura literária** – o jogo do livro infantil e juvenil. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ANEXO 1 – O Rei Sapo ou Henrique de Ferro (Irmãos Grimm)

Em muitos tempos remotos, quando ainda os desejos podiam ser realizados, houve um Rei cujas filhas eram muito bonitas. A caçula, sobretudo, era tão linda que até o sol, que já vira tantas e tantas coisas, extasiava-se quando projetava os raios naquele semblante encantador. Perto do castelo do Rei, havia uma floresta sombreada e, na floresta, uma frondosa tília, à sombra da qual existia uma fonte de águas cristalinas. Nos dias em que o calor se fazia sentir mais intenso, a princesinha refugiava-se nesse recanto e, sentada à margem da fonte, distraía-se brincando com uma bola de ouro, que atirava ao ar e apanhava agilmente entre as mãos; era o seu jogo predileto.

Certo dia, porém, quando assim se divertia, a bola fugiu-lhes das mãos, rolando para dentro da água. A princesa, desapontada, seguiu-lhe a evolução, mas a bola sumiu na água da fonte, que era tão profunda que não se lhe via o fundo. Desatou, então, a chorar inconsolavelmente. E, eis que, em meio dos lamentos, ouviu uma voz perguntar-lhe:

- Que tens, linda princesinha? Qual a razão desse pranto desolado, que comove até as pedras?

Ela olhou para todos os lados a fim de descobrir de onde provinha essa voz e deparou com um sapo, que estendia para fora da água a disforme cabeça.

- Ah! És tu, velho patinhador? - disse a princesa. - Estou chorando porque perdi minha bola de ouro, que desapareceu dentro da água.

- Ora, não chores mais! - voltou o sapo. - Vou ajudar-te a recuperá-la. Mas que me darás em troca, se eu trazer tua bola?

- Tudo o que quiseses, bondoso sapo. Eu te darei meus vestidos, minhas pérolas e minhas joias preciosas: até mesmo a coroa de ouro que tenho na cabeça, - respondeu alvoroçada a princesa.

- Nada disso eu quero; nem teus vestidos, nem tuas joias, nem tampouco tua coroa de ouro. Outra coisa quero de ti. Quero que me queiras bem, que me permitas ser teu amigo e companheiro de folguedos. Quero que me deixes sentar contigo à mesa e comer no teu pratinho de ouro e beber no teu copinho. À noite me deitarás junto de ti, na tua caminha. Se me prometeres isto tudo. Descerei ao fundo da fonte e trar-te-ei a bola de ouro, - propôs o sapo.

- Oh! sim, sim! - retorquia ela; - prometo tudo o que quiseses, contando que me tragas a bola.

Pensava, porém, de si para si: "O que é que está pretendendo este sapo tolo, que vive na água coaxando com os seus iguais? Jamais poderá ser o companheiro de uma criatura humana!"

Confiando, pois, na promessa que lhe fora feita, o sapo mergulhou, reaparecendo, daí a pouco, com a bola de ouro, que atirou delicadamente ao gramado. A princesinha, radiante de alegria por ter recuperado o lindo brinquedo, agarrou-o e deitou a correr para casa.

-Espera! Espera! - gritava o pobre sapo; - leva-me contigo, pois não posso correr como tu!

De nada lhe valia, porém, gritar com todas as forças dos pulmões o aflito "quac, quac, quac"; a filha do Rei não lhe deu a menor atenção, correu para o palácio, onde não tardou a esquecer o pobre bichinho e a promessa que lhe fizera no momento de apuro.

No dia seguinte, quando se achava tranquilamente à mesa com o Rei e toda a corte, justamente quando comia no seu pratinho do ouro, ouviu: - "plisch, plasch, plisch, plasch," algo subindo a vasta escadaria de mármore, avançando até chegar diante da porta. Ali bateu, gritando:

-Filha do Rei, caçula, abre a porta!

Ela correu a ver quem assim a chamava. Mas, ao abrir a porta, viu à sua frente o pobre sapo. Fechou-a, rapidamente, e voltou a sentar-se à mesa, com o coração aos pulos. O Rei, que a observara, percebeu o palpar de seu coração. Perguntou:

-Que tens, minha filhinha? Há, por acaso, algum gigante aí fora querendo levar-te?

Oh! não. Não é nenhum gigante, apenas um sapo horrível, - respondeu, ainda pálida, a princesa.

-E o que deseja de ti?

Meio constrangida ela contou o que se passara:

-Meu paizinho querido, ontem, quando brincava com a bola de ouro junto à fonte, lá na floresta, ela caiu-me das mãos e rolou para dentro da fonte. Desatei a chorar e a lastimar-me, quando, de repente, vi surgir esse sapo feio que se ofereceu para auxiliar-me. Exigiu, porém, minha promessa de gostar dele, tomá-lo como amigo e companheiro de folguedos; eu, ansiosa por reaver a bola, prometi tudo o

que me pediu, certa de que ele jamais conseguisse viver fora da água. Ei-lo aí, agora, querendo entrar e ficar a meu lado!

Entrementes, ouviu-se bater, novamente, à porta e a voz insistir:

- Filha do Rei, caçula, abre-me a porta. Não esqueças a promessa que me fizeste tão depressa junto à fonte da floresta. Filha do Rei, caçula, abre-me a porta!...

O Rei disse, então, à filha:

-Aquilo que prometeste deves cumprir. Vai, pois, abre a porta e deixa-o entrar. A princesa não teve remédio senão obedecer. Quando abriu a porta, o sapo pulou rapidamente para dentro da sala e, juntinho dela, foi saltitando até sua cadeira. Uma vez aí, pediu:

-Ergue-me, coloca-me à tua altura.

A princesa relutava contrariada, mas o Rei ordenou que obedecesse.

Assim que se viu sobre a cadeira, o sapo pediu para subir na mesa, dizendo:

-Aproxima de mim teu pratinho de ouro para que possamos comer juntos.

Muito a contragosto a princesinha acedeu; mas, enquanto o sapo se deliciava com as finas iguarias, ela não conseguia engolir os bocados que lhe ficavam atravessados na garganta. Por fim, ele disse:

-Comi muito bem, estou satisfeítíssimo. Sinto-me, porém, muito cansado, leva-me para teu quarto, prepara tua caminha de seda e deitemo-nos, sim?

Ante essa nova exigência, a princesa não se conteve e desatou a chorar. Sentia horror em tocar aquela pele gélida e asquerosa do sapo e, mais ainda, ter de dormir com ele em sua linda caminha alva, de lençóis de seda. O Rei, porém, zangando-se, repreendeu-a:

-Não podes desprezar quem te valeu no momento de aflição.

Não vendo outra alternativa, a princesinha armou-se de coragem, agarrou com a ponta dos dedos o sapo repelente, carregou-o para o quarto, onde o atirou para um canto, decidida a ignorá-lo definitivamente. Pouco depois, quando já deitada, dispunha-se a dormir, viu-o aproximar-se saltitando:

-Estou cansado, quero dormir confortavelmente como tu. Ergue-me, deixa-me dormir junto de ti, se não chamarei teu pai.

A princesinha, então, cheia de cólera, agarrou-o e, com toda a força, atirou-o de encontro à parede.

-Agora te calarás, sapo imundo, e me deixarás finalmente em paz!

Mas, oh! Que via? Ao estatelar-se no chão, o sapo imundo, que, por vontade do pai era seu amigo e companheiro, transformou-se, assumindo as formas de um belo príncipe de olhos meigos e carinhosos. Contou-lhe ele, então, como havia sido encantado por uma bruxa má e que ninguém, senão ela, a princesinha, tinha o poder de desencantá-lo.

Combinaram, ainda, que, no dia seguinte, partiriam para seu reino.

Em seguida, adormeceram. Quando a aurora despontou e o sol os despertou, chegou uma belíssima carruagem atrelada com oito esplêndidos corcéis alvos como a neve, de cabeças empenachadas com plumas de avestruz e ajaezados de ouro. Vinha, atrás, o fiel Henrique, escudeiro do jovem Rei.

O fiel Henrique ficara tão aflito quando seu amo fora transformado em sapo, que mandara colocar três aros de ouro em volta do próprio coração, para que este não arrebentasse de dor. Agora, porém, a carruagem ia levar o jovem Rei de volta ao reino. O fiel Henrique fê-lo subir com a jovem esposa e sentou-se atrás, cheio de alegria por ver o amo enfim liberto e feliz.

Quando haviam percorrido bom trecho de caminho, o príncipe ouviu um estalo, como se algo na carruagem se tivesse partido. Voltou-se e gritou:

- Henrique, a carruagem está quebrando!

- Não, meu Senhor, a carruagem não; é apenas um aro do meu coração.

- Ele estava imerso na aflição, quando, em sapo transformado, estáveis na fonte, abandonado.

Duas vezes ainda, ouviu-se o estalo durante a viagem e, de cada vez, o príncipe julgou que se quebrava a carruagem. Mas Henrique tranquilizou-o explicando que apenas os aros se haviam quebrado, saltando-lhe do coração, pois que, agora, seu amo e Senhor estava livre e feliz.

ANEXO 2 - Rapunzel (Irmãos Grimm)

Era uma vez um casal que há muito tempo desejava inutilmente ter um filho. Os anos se passavam, e seu sonho não se realizava. Afinal, um belo dia, a mulher percebeu que Deus ouvira suas preces. Ela ia ter uma criança!

Por uma janelinha que havia na parte dos fundos da casa deles, era possível ver, no quintal vizinho, um magnífico jardim cheio das mais lindas flores e das mais viçosas hortaliças. Mas em torno de tudo se erguia um muro altíssimo, que ninguém se atrevia a escalar. Afinal, era a propriedade de uma feiticeira muito temida e poderosa.

Um dia, espiando pela janelinha, a mulher se admirou ao ver um canteiro cheio dos mais belos pés de rabanete que jamais imaginara. As folhas eram tão verdes e fresquinhas que abriram seu apetite. E ela sentiu um enorme desejo de provar os rabanetes.

A cada dia seu desejo aumentava mais. Mas ela sabia que não havia jeito de conseguir o que queria e por isso foi ficando triste, abatida e com um aspecto doentio, até que um dia o marido se assustou e perguntou:

- O que está acontecendo contigo, querida?

- Ah! - respondeu ela. - Se não comer um rabanete do jardim da feiticeira, vou morrer logo, logo!

O marido, que a amava muito, pensou: "Não posso deixar minha mulher morrer... Tenho que conseguir esses rabanetes, custe o que custar!"

Ao anoitecer, ele encostou uma escada no muro, pulou para o quintal vizinho, arrancou apressadamente um punhado de rabanetes e levou para a mulher. Mais que depressa, ela preparou uma salada que comeu imediatamente, deliciada. Ela achou o sabor da salada tão bom, mas tão bom, que no dia seguinte seu desejo de comer rabanetes ficou ainda mais forte. Para sossegá-la, o marido prometeu-lhe que iria buscar mais um pouco.

Quando a noite chegou, pulou novamente o muro mas, mal pisou no chão do outro lado, levou um tremendo susto: de pé, diante dele, estava a feiticeira.

- Como se atreve a entrar no meu quintal como um ladrão, para roubar meus rabanetes? - perguntou ela com os olhos chispando de raiva. - Vai ver só o que te espera!

- Oh! Tenha piedade! - implorou o homem. - Só fiz isso porque fui obrigado! Minha mulher viu seus rabanetes pela nossa janela e sentiu tanta vontade de comê-los, mas tanta vontade, que na certa morrerá se eu não levar alguns!

A feiticeira se acalmou e disse:

- Se é assim como diz, deixo você levar quantos rabanetes quiser, mas com uma condição: irá me dar a criança que sua mulher vai ter. Cuidarei dela como se fosse sua própria mãe, e nada lhe faltará.

O homem estava tão apavorado, que concordou. Pouco tempo depois, o bebê nasceu. Era uma menina. A feiticeira surgiu no mesmo instante, deu à criança o nome de Rapunzel e levou-a embora.

Rapunzel cresceu e se tomou a mais linda criança sob o sol. Quando fez doze anos, a feiticeira trancou-a no alto de uma torre, no meio da floresta.

A torre não possuía nem escada, nem porta: apenas uma janelinha, no lugar mais alto. Quando a velha desejava entrar, ficava embaixo da janela e gritava:

- Rapunzel, Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças!

Rapunzel tinha magníficos cabelos compridos, finos como fios de ouro. Quando ouvia o chamado da velha, abria a janela, desenrolava as tranças e jogava-as para fora. As tranças caíam vinte metros abaixo, e por elas a feiticeira subia.

Alguns anos depois, o filho do rei estava cavalgando pela floresta e passou perto da torre. Ouviu um canto tão bonito que parou, encantado.

Rapunzel, para espantar a solidão, cantava para si mesma com sua doce voz. Imediatamente o príncipe quis subir, procurou uma porta por toda parte, mas não encontrou. Inconformado, voltou para casa. Mas o maravilhoso canto tocara seu coração de tal maneira que ele começou a ir para a floresta todos os dias, querendo ouvi-lo outra vez.

Em uma dessas vezes, o príncipe estava descansando atrás de uma árvore e viu a feiticeira aproximar-se da torre e gritar: "Rapunzel, Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças!." E viu quando a feiticeira subiu pelas tranças.

"É essa a escada pela qual se sobe?," pensou o príncipe. "Pois eu vou tentar a sorte...."

No dia seguinte, quando escureceu, ele se aproximou da torre e, bem embaixo da janelinha, gritou:

- Rapunzel, Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças!

As tranças caíram pela janela abaixo, e ele subiu.

Rapunzel ficou muito assustada ao vê-lo entrar, pois jamais tinha visto um homem.

Mas o príncipe falou-lhe com muita doçura e contou como seu coração ficara transtornado desde que a ouvira cantar, explicando que não teria sossego enquanto não a conhecesse.

Rapunzel foi se acalmando, e quando o príncipe lhe perguntou se o aceitava como marido, reparou que ele era jovem e belo, e pensou: "Ele é mil vezes preferível à velha senhora...." E, pondo a mão dela sobre a dele, respondeu:

- Sim! Eu quero ir com você! Mas não sei como descer... Sempre que vier me ver, traga uma meada de seda. Com ela vou trançar uma escada e, quando ficar pronta, eu desço, e você me leva no seu cavalo.

Combinaram que ele sempre viria ao cair da noite, porque a velha costumava vir durante o dia. Assim foi, e a feiticeira de nada desconfiava até que um dia Rapunzel, sem querer, perguntou a ela:

- Diga-me, senhora, como é que lhe custa tanto subir, enquanto o jovem filho do rei chega aqui num instantinho?

- Ah, menina ruim! - gritou a feiticeira. - Pensei que tinha isolado você do mundo, e você me engana!

Na sua fúria, agarrou Rapunzel pelos cabelos e esbofeteou-a. Depois, com a outra mão, pegou uma tesoura e tec, tec! cortou as belas tranças, largando-as no chão.

Não contente, a malvada levou a pobre menina para um deserto e abandonou-a ali, para que sofresse e passasse todo tipo de privação.

Na tarde do mesmo dia em que Rapunzel foi expulsa, a feiticeira prendeu as longas tranças num gancho da janela e ficou esperando. Quando o príncipe veio e chamou: "Rapunzel! Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças!," ela deixou as tranças caírem para fora e ficou esperando.

Ao entrar, o pobre rapaz não encontrou sua querida Rapunzel, mas sim a terrível feiticeira. Com um olhar chamejante de ódio, ela gritou zombeteira:

- Ah, ah! Você veio buscar sua amada? Pois a linda avezinha não está mais no ninho, nem canta mais! O gato apanhou-a, levou-a, e agora vai arranhar os seus olhos! Nunca mais você verá Rapunzel! Ela está perdida para você!

Ao ouvir isso, o príncipe ficou fora de si e, em seu desespero, se atirou pela janela. O jovem não morreu, mas caiu sobre espinhos que furaram seus olhos e ele ficou cego.

Desesperado, ficou perambulando pela floresta, alimentando-se apenas de frutos e raízes, sem fazer outra coisa que se lamentar e chorar a perda da amada.

Passaram-se os anos. Um dia, por acaso, o príncipe chegou ao deserto no qual Rapunzel vivia, na maior tristeza, com seus filhos gêmeos, um menino e uma menina, que haviam nascido ali.

Ouvindo uma voz que lhe pareceu familiar, o príncipe caminhou na direção de Rapunzel. Assim que chegou perto, ela logo o reconheceu e se atirou em seus braços, a chorar.

Duas das lágrimas da moça caíram nos olhos dele e, no mesmo instante, o príncipe recuperou a visão e ficou enxergando tão bem quanto antes.

Então, levou Rapunzel e as crianças para seu reino, onde foram recebidos com grande alegria. Ali viveram felizes e contentes.

ANEXO 3 - Chapeuzinho Vermelho (Irmãos Grimm)

Houve, uma vez uma graciosa menina; quem a via ficava logo gostando dela, assim como ela gostava de todos; particularmente, amava a avozinha, que não sabia o que dar e o que fazer pela netinha. Certa vez, presenteou-a com um chapeuzinho de veludo vermelho e, porque lhe ficava muito bem, a menina não mais quis usar outro e acabou ficando com o apelido de Chapeuzinho Vermelho. Um dia, a mãe chamou-a e disse-lhe:

- Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho; leva tudo para a vovó; ela está doente e fraca e com isso se restabelecerá. Põe-te a caminho antes que o sol esquente muito e, quando fores, comporta-te direito; não saias do caminho, senão caís e quebras a garrafa e a vovó ficará sem nada. Quando entrares em seu quarto, não esqueças de dizer "bom-dia, vovó," ao invés de mexericar pelos cantos.

- Farei tudo direitinho, - disse Chapeuzinho Vermelho à mãe, e despediu-se. A avó morava à beira da floresta, a uma meia hora mais ou menos de caminho da aldeia. Quando Chapeuzinho Vermelho chegou à floresta, encontrou o lobo; não sabendo, porém, que animal perverso era ele, não sentiu medo.

- Bom dia, Chapeuzinho Vermelho, - disse o lobo todo dengoso.

- Muito obrigada, lobo.

- Aonde vais, assim tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?

- Vou à casa da vovó.

- E que levas aí nesse cestinho?

- Levo bolo e vinho. Assamos o bolo ontem, assim a vovó, que está adoentada e muito fraca, ficará contente, tendo com que se fortificar.

- Onde mora tua vovó, Chapeuzinho Vermelho?

- Mora a um bom quarto de hora daqui, na floresta, debaixo de três grandes carvalhos; a casa está cercada de nogueiras, acho que o sabes, - disse Chapeuzinho Vermelho.

Enquanto isso, o lobo ia pensando: "Esta meninazinha delicada é um quitute delicioso, certamente mais apetitosa que a avó; devo agir com esperteza para pegar as duas." Andou um trecho de caminho ao lado de Chapeuzinho Vermelho e foi insinuando:

- Olha, Chapeuzinho Vermelho, que lindas flores! Por que não olhas ao redor de ti? Creio que nem sequer ouves o canto mavioso dos pássaros! Andas tão ensimesmada como se fosses para a escola, ao passo que é tão divertido tudo aqui na floresta!

Chapeuzinho Vermelho ergueu os olhos e, quando viu os raios do sol dançando por entre as árvores, e à sua volta a grande quantidade de lindas flores, pensou: "Se levar para a vovó um buquê viçoso, ela certamente ficará contente; é tão cedo ainda que chegarei bem a tempo." Saiu da estrada e penetrou na floresta em busca de flores. Tendo apanhado uma, achava que mais adiante encontraria outra mais bela e, assim, ia avançando e aprofundando-se cada vez mais pela floresta a dentro.

Enquanto isso, o lobo foi correndo à casa da vovó e bateu na porta.

- Quem está batendo? - perguntou a avó.

- Sou eu, Chapeuzinho Vermelho, trago vinho e bolo, abre-me.

- Levanta a taramela, - disse-lhe a avó; - estou muito fraca e não posso levantar-me da cama.

O lobo levantou a taramela, a porta escancarou-se e, sem dizer palavra, precipitou-se para a cama da avozinha e engoliu-a. Depois, vestiu a roupa e a touca dela; deitou-se na cama e fechou o cortinado.

Entretanto, Chapeuzinho Vermelho ficara correndo de um lado para outro a colher flores. Tendo colhido tantas que quase não podia carregar, lembrou-se da avó e foi correndo para a casa dela. Lá chegando, admirou-se de estar a porta escancarada; entrou e na sala teve uma impressão tão esquisita que pensou: "Oh, meu Deus, que medo tenho hoje! Das outras vezes, sentia-me tão bem aqui com a vovó!" Então disse alto:

- Bom dia, vovó! - mas ninguém respondeu.

Acercou-se da cama e abriu o cortinado: a vovó estava deitada, com a touca caída no rosto e tinha um aspecto muito esquisito.

- Oh, vovó, que orelhas tão grandes tens!

- São para melhor te ouvir.

- Oh, vovó, que olhos tão grandes tens

- São para melhor te ver.

- Oh, vovó, que mãos enormes tens!

- São para melhor te agarrar.

- Mas vovó, que boca medonha tens!

- É para melhor te devorar.

Dizendo isso, o lobo pulou da cama e engoliu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

Tendo assim satisfeito o apetite, voltou para a cama, ferrou no sono e começou a roncar sonoramente. Justamente, nesse momento, ia passando em frente à casa o caçador, que ouvindo aquele ronco, pensou:

"Como ronca a velha Senhora! É melhor dar uma olhadela a ver se está se sentindo mal."

Entrou no quarto e aproximou-se da cama; ao ver o lobo, disse:

- Eis-te aqui, velho impenitente! Há muito tempo, venho-te procurando!

Quis dar-lhe um tiro, mas lembrou-se de que o lobo poderia ter comido a avó e que talvez ainda fosse possível salvá-la; então pegou uma tesoura e pôs-se a cortar-lhe a barriga, cuidadosamente, enquanto ele dormia. Após o segundo corte, viu brilhar o chapeuzinho vermelho e, após mais outros cortes, a menina pulou para fora, gritando:

- Ai que medo eu tive! Como estava escuro na barriga do lobo! Em seguida, saiu também a vovó, ainda com vida, embora respirando com dificuldade. E Chapeuzinho Vermelho correu a buscar grandes pedras e com elas encheram a barriga do lobo. Quando este acordou e tentou fugir, as pedras pesavam tanto que deu um trambolhão e morreu.

Os três alegraram-se, imensamente, com isso. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa; a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho trazidos por Chapeuzinho Vermelho e logo sentiu-se completamente reanimada; enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho dizia de si para si: "Nunca mais sairás da estrada para correr pela floresta, quando a mamãe te proibir!"

ANEXO 4 - Branca de Neve e os sete Anões (irmãos Grimm)

Há muito e muito tempo, bem no meio do inverno, quando os flocos de neve caíam do céu leves como plumas, uma rainha estava sentada costurando junto a uma janela com esquadrias de ébano. Costurava distraída, olhando os flocos de neve que caíam lá fora e, por isso, espetou o dedo com a agulha e três gotas de sangue caíram na neve. Aquele vermelho em cima do branco ficou tão bonito que ela pensou: "Eu queria ter um neném assim, que fosse branco como a neve, vermelho como o sangue e negro como a madeira da moldura desta janela."

Algum tempo depois, ela teve uma filha, que era branca como a neve, vermelha como o sangue e tinha cabelos negros como o ébano. Deram a ela o nome de Branca de Neve, mas, quando ela nasceu, a rainha morreu.

Um ano mais tarde, o rei casou de novo. A nova rainha era linda, mas muito orgulhosa e prepotente; tão vaidosa que não podia suportar a ideia de que alguém pudesse ser mais bonita do que ela. Tinha um espelho mágico e gostava de se olhar nele e perguntar:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?
E o espelho respondia:

- Senhora Rainha, tu és a mais linda de todo o país. Então ela ficava satisfeita, porque sabia que o espelho dizia sempre a verdade. Mas, à medida que Branca de Neve crescia, ia ficando cada vez mais bonita e, quando tinha sete anos, já era tão bela quanto o dia e mais bonita do que a própria rainha. Um dia, quando a rainha perguntou ao espelho:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?
O espelho respondeu:

- Senhora Rainha, tu és a mais linda que está aqui, mas Branca de Neve é mil vezes mais linda que todas as lindas que há por aí. A rainha engoliu em seco, ficou amarela e verde de inveja. Cada vez que ela olhava para Branca de Neve, depois disso, tinha tanto ódio dela que seu sangue até fervia no peito. A inveja e o orgulho cresceram como ervas daninhas dentro do coração da rainha até que ela não conseguia ter um momento de sossego, nem de noite nem de dia. Finalmente, mandou chamar um caçador e disse:

- Suma com essa menina da minha frente. Quero que você a leve para o fundo da floresta e a mate. Para provar que você fez mesmo isso, traga-me os pulmões e o fígado dela.

O caçador obedeceu. Levou a menina para a floresta, mas, quando puxou seu facão de caça e se preparava para atravessar o coração inocente de Branca de Neve, ela começou a chorar e disse:

- Por favor, querido caçador, deixe-me viver. Eu fujo para o fundo do mato e nunca mais volto para casa...

Ela era tão bonita que o caçador ficou com pena e disse:

- Está bem, menina, pobre coitada. Fuja!

Mas, para si mesmo, pensou: "Num instante os animais selvagens vão devorá-la." Porém, como nesse caso não era ele mesmo quem ia matar a criança, isso já tirava um peso enorme de cima dele. Logo depois, um filhote de javali saiu correndo do mato. O caçador meteu a faca nele, tirou os pulmões e o fígado e os levou para a rainha, como prova de que tinha cumprido sua missão. A malvada mandou o cozinheiro salgar e assar esses miúdos e comeu tudo, certa de que estava comendo os pulmões e o fígado de Branca de Neve.

Enquanto isso, a pobre menina estava sozinha no meio da grande floresta. Apavorada, ela se assustava com todas as folhas das árvores e não sabia para onde ir. Começou a correr. Correu, correu, por cima de pedras afiadas e pelo meio de moitas de espinhos e os animais ferozes passavam por ela sem fazer mal nenhum. Correu enquanto as pernas aguentaram até que, finalmente, pouco antes de anoitecer, avistou uma casinha e entrou nela para descansar.

Lá dentro tudo era pequenininho, mas limpo de fazer gosto. A mesa estava posta com uma toalha branca e sete pratinhos, cada um com sua faca, seu garfo, sua colher e sete canequinhas. Do outro lado, junto à parede, havia sete caminhas enfileiradas, cobertas por lençóis brancos imaculados. Branca de Neve estava morrendo de fome e sede, mas não queria comer a comida toda de ninguém, por isso comeu um pouquinho de pão e de legumes de cada prato e bebeu um gole de vinho de cada caneca. Depois estava tão cansada que resolveu se deitar em uma das camas, mas nenhuma servia exatamente para ela - algumas eram compridas demais, outras eram curtas demais, até que a sétima era do tamanho perfeito. Resolveu ficar por ali, rezou suas orações e caiu no sono.

Quando já estava bem escuro, chegaram os donos da casa. Eram sete anões que, todos os dias, iam para as montanhas minerar prata, com suas pás e picaretas. Acenderam suas sete velinhas e, quando tudo ficou iluminado, eles perceberam que alguém tinha estado por ali, porque algumas coisas estavam fora do lugar. O primeiro disse:

- Quem sentou na minha cadeira?

E o segundo:

- Quem comeu no meu prato?

E o terceiro:

- Quem deu uma dentada no meu pão?

E o quarto:

- Quem andou beliscando os meus legumes?

E o quinto:

- Quem usou o meu garfo?

E o sexto:

- Quem cortou com minha faca?

E o sétimo:

- Quem bebeu na minha caneca?

Depois, o primeiro olhou em volta e viu que a cama dele estava amassada, como se tivesse uma coisa cavada no meio e perguntou:

- Quem deitou na minha cama?

Os outros vieram correndo e gritaram:

- Alguém deitou na minha cama também!

Mas quando o sétimo olhou para a cama dele, viu que Branca de Neve ainda estava deitada lá, dormindo. Chamou os outros, que chegaram num instante. Começaram a gritar muito espantados, foram buscar as velas e as levantaram bem alto por cima de Branca de Neve:

- Deus do céu! - gritaram - Deus do céu! Que menina tão linda!

Ficaram tão maravilhados com ela que nem a acordaram, mas deixaram que ela continuasse dormindo na caminha. O sétimo anão dormiu com seus companheiros, uma hora com cada um e depois a noite já tinha acabado.

Na manhã seguinte, Branca de Neve acordou e, quando viu os sete anões, levou um susto.

Mas eles foram muito simpáticos, com um jeito amigo e perguntaram:

- Qual é o seu nome?

- Meu nome é Branca de Neve - respondeu ela.

- Como é que você veio parar na nossa casa? - os anões quiseram saber.

Então ela contou a eles tudo o que tinha acontecido, como a madrasta queria matá-la, como o caçador poupou a vida dela, como ela tinha caminhado o dia todo até que, finalmente, encontrou a casinha deles. Os anões disseram:

- Se você tomar conta de nossa casa, cozinhar para nós, fizer as camas, lavar, costurar e cerzir as nossas roupas e deixar tudo bem limpinho e arrumado sempre, pode ficar morando conosco e nunca vai lhe faltar nada.

- Que bom! - disse Branca de Neve - Eu ia adorar...

E foi assim que ela ficou tomando conta da casa. Todas as manhãs eles saíam para a montanha, para garimpar ouro e prata e, todas as noites, voltavam para casa e ela tinha que ter feito o jantar. Mas ela passava o dia todo sozinha e os bondosos anões acharam bom avisar:

- Muito cuidado com sua madrasta. Ela vai descobrir logo que você está aqui. Não deixe ninguém entrar nunca.

Pois bem, a rainha que pensava ter comido os pulmões e o fígado de Branca de Neve, agora tinha certeza de que era a mais bonita do lugar. Foi até diante do espelho e perguntou:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?

E o espelho respondeu:

- Senhora Rainha, tu és a mais linda que está aqui, mas Branca de Neve, que já foi-se embora com os sete anões, na montanha onde mora, é mil vezes mais linda que todas as lindas que há por aí.

A rainha engoliu em seco. Como ela sabia que o espelho não mentia nunca, compreendeu que o caçador a enganara e que Branca de Neve ainda estava viva. Ficou então pensando sem parar, imaginando que jeito podia dar para matar a menina, porque ela tinha que ser a mulher mais linda do mundo... Se não, a inveja não ia deixá-la em paz. Afinal, acabou fazendo um plano. Sujou o rosto todo e se vestiu como se fosse uma velha vendedora ambulante, para que ninguém pudesse reconhecê-la. Com esse disfarce, atravessou as sete montanhas até a casa dos sete anões, bateu na porta e anunciou:

- Belas coisas para vender! Quem quer comprar? Bonito e barato!

Branca de Neve olhou pela janela e perguntou:

- Bom dia, minha boa velha, que é que a senhora tem para vender?

- Corpetes lindos, de todas as cores - respondeu ela. E estendeu um corpete brilhante, tecido em seda colorida.

"Esta senhora tem um ar tão honesto," pensou Branca de Neve, "não pode fazer mal se eu deixar que ela entre..." Por isso, abriu a porta e comprou o belo corpete.

- Minha filha, você está toda mal-ajambrada! - disse a velha - Venha cá, deixe que eu dê o laço direito...

Sem desconfiar de nada, Branca de Neve se aproximou dela e deixou que a velha a vestisse e amarrasse o corpete novo. Mas ela teve um gesto tão rápido e apertou tanto o cadarço do colete, que Branca de Neve ficou sem fôlego e caiu como se tivesse morrido.

- Muito bem, - disse a rainha - agora você não é mais a mais linda do mundo. E foi embora correndo. Um pouco mais tarde, quando caiu a noite, os sete anões voltaram para casa. Ficaram horrorizados ao ver sua adorada Branca de Neve caída no chão! Ela estava tão imóvel que eles pensaram que ela estivesse morta. Levantaram-na com cuidado e, quando viram que a roupa estava apertada demais, cortaram o corpete. Com isso, ela respirou um pouquinho e, bem devagar, foi voltando à vida. Quando os anões ouviram o que tinha acontecido, disseram:

- É claro que essa velha vendedora era a rainha malvada e mais ninguém. Você tem que ser mais cuidadosa e não pode deixar ninguém entrar em casa. Quando a malvada chegou em casa, foi direto para a frente do espelho perguntar:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país? E o espelho respondeu, como sempre:

- Senhora Rainha, tu és a mais linda que está aqui, mas Branca de Neve, que já foi-se embora com os sete anões, na montanha onde mora, é mil vezes mais linda que todas as lindas que há por aí.

Quando ouviu isso, a rainha sentiu um aperto tão grande no peito que parecia que o sangue ia ferver, pois compreendeu que Branca de Neve ainda estava viva.

- Mas não faz mal... - disse - Desta vez vou pensar em alguma coisa que vai mesmo destruir você de uma vez por todas... Com a ajuda de uns encantamentos mágicos que conhecia, fez um pente envenenado. Depois se disfarçou de novo, como se fosse outra velhinha.

E, mais uma vez, atravessou as sete montanhas até a casa dos sete anões, bateu na porta e disse:

- Belas coisas para vender! Quem quer comprar? Bonito e barato!

Branca de Neve olhou pela janela e disse:

- Vá embora! Não posso deixar ninguém entrar.

- Mas você pode olhar, não pode? - perguntou a velha, mostrando o pente.

A menina gostou tanto dele que esqueceu de tudo e abriu a porta. Combinaram o preço e aí a velha disse:

- Agora eu vou pentear você direitinho.

Sem desconfiar de nada, Branca de Neve ficou bem quieta, deixando que a velha a penteasse, mas, assim que o pente tocou seu cabelo, o veneno fez efeito e ela caiu desmaiada, como se estivesse morta.

- Aí está, minha beleza, - disse a malvada - agora vai ser o seu fim.

E foi-se embora. Mas, felizmente, a noite já vinha caindo e logo os anões chegaram em casa. Quando viram Branca de Neve caída no chão como se estivesse morta, imediatamente desconfiaram da madrasta. Examinaram Branca de Neve com cuidado e encontraram o pente envenenado. Assim que o arrancaram dos cabelos dela, a menina despertou e contou como tudo tinha acontecido. Mais uma vez, eles avisaram que ela precisava ter cuidado e não devia abrir a porta para ninguém. Quando a rainha chegou ao castelo, foi direto para o espelho e perguntou:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?

O espelho respondeu do mesmo jeito que antes:

- Senhora Rainha, tu és a mais linda que está aqui, mas Branca de Neve, que já foi-se embora com os sete anões, na montanha onde mora, é mil vezes mais linda que todas as lindas que há por aí.

Quando ouviu o espelho dizer isso, ela tremeu e se sacudiu de raiva, gritando:

- Branca de Neve tem que morrer! Mesmo que isto custe a minha própria vida.

Então ela foi até um quarto secreto e isolado onde ninguém entrava, nem se sabia que existia e fez uma maçã muito venenosa. Tinha um aspecto tão bonito por fora, branca com faces vermelhas, que qualquer pessoa que a visse ia querer comer. Mas qualquer um que comesse um pedacinho ia morrer. Quando a maçã ficou pronta, ela sujou bem o rosto e se disfarçou de camponesa. E, mais uma vez, atravessou as sete montanhas até a casa dos sete anões. Bateu na porta e Branca de Neve pôs a cabeça para fora da janela.

- Não posso deixar ninguém entrar. Os anões não querem.

- Não faz mal - disse a camponesa - eu só quero me livrar dessas maçãs.

Tome. Eu lhe dou uma de presente.

- Não posso - disse Branca de Neve - não posso aceitar nada.

- Você está com medo de que esteja envenenada? - perguntou a velha - Bobagem... Veja, vou cortar a maçã pelo meio. Você fica com a banda vermelha e eu fico com a banda branca.

Mas a maçã tinha sido tão bem feita que só a banda vermelha é que tinha veneno. Branca de Neve estava morrendo de vontade de comer a maçã e, quando viu a camponesa dando uma dentada na fruta, não conseguiu resistir. Estendeu a mão e pegou a metade envenenada. Assim que deu uma mordida, caiu morta no chão. A rainha deu um olhar cruel, uma gargalhada terrível e disse:

- Branca como a neve, vermelha como o sangue, negra como o ébano...

Desta vez os anões não vão conseguir reviver você...

E, quando chegou ao castelo, perguntou ao espelho:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?

E o espelho finalmente respondeu:

- Senhora Rainha, tu és a mais linda de todo o país.

Então seu coração invejoso ficou sossegado - se é que um coração invejoso pode ficar sossegado. Quando os anões voltaram para casa ao cair da noite, encontraram Branca de Neve caída no chão. Não saía nem um pouco de hálito de sua boca e ela estava morta realmente.

Eles a levantaram, procuraram bem para ver se encontravam alguma coisa venenosa, afrouxaram as roupas dela, despentearam o cabelo, lavaram a menina com água e vinho, mas não adiantou nada - sua bem-amada estava morta e morta ficou. Puseram-na numa maca, sentaram-se todos em volta, choraram e se lamentaram durante três dias. Depois iam enterrá-la. Mas ela ainda tinha aspecto fresco e cheio de vida e continuava com suas lindas bochechas vermelhas.

- Não podemos botar essa menina na terra escura - disseram.

Então fizeram um caixão transparente, de vidro, de modo que ela pudesse ser vista de todos os lados. Deitaram Branca de Neve no caixão e escreveram o nome dela em letras de ouro, acrescentando que ela era filha de um rei. Depois puseram o caixão no alto de uma colina e um deles sempre ficava ao lado, montando guarda. E

os pássaros foram chegando e também choraram por Branca de Neve; primeiro uma coruja, depois um corvo e depois uma pomba.

Branca de Neve ficou no caixão por muitos e muitos anos. Ela não se decompunha e parecia dormir, continuando sempre branca como a neve, vermelha como o sangue e negra como o ébano. Até que um dia um príncipe veio por aquela floresta e parou para passar a noite junto à casa dos sete anões. Viu o caixão no alto da colina, viu a linda Branca de Neve dentro dele, leu as letras de ouro no caixão. Então, disse aos anões:

- Eu quero esse caixão, por favor. Pagarei por ele o quanto vocês pedirem. Mas os anões responderam:

- Não nos separaríamos dele nem por todo o dinheiro do mundo.

- Então, por favor, me deem o caixão, - insistiu ele - porque não vou poder continuar vivendo se não puder ficar olhando Branca de Neve. Vou honrá-la e respeitá-la para sempre.

Aí os anões ficaram com pena e resolveram dar o caixão a ele. Quando os criados do príncipe o levantaram e foram carregá-lo nos ombros, um deles tropeçou numa raiz. Com o tropeção, o pedaço envenenado da maçã que ela havia comido se soltou da garganta, Branca de Neve desengasgou, abriu os olhos, levantou a tampa do caixão, sentou e voltou à vida.

- Onde é que eu estou? - perguntou.

- Está comigo! - respondeu o príncipe, todo alegre.

Então ele contou o que tinha acontecido e disse:

- Eu amo você mais do que qualquer outra coisa no mundo. Venha comigo até o castelo de meu pai e vamos nos casar.

Branca de Neve também se apaixonou pelo príncipe e foi com ele. Começaram logo os preparativos para uma festa maravilhosa de casamento. A madrasta malvada de Branca de Neve também foi convidada. Depois de se arrumar toda, com suas roupas mais bonitas, foi para a frente do espelho perguntar:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?

O espelho respondeu:

- Senhora rainha, tu és a mais linda que está aqui, mas a jovem rainha é mil vezes mais linda que todas as lindas que há por aí.

Ouvindo isso, a malvada xingou e amaldiçoou. Ficou tão horrorizada que não sabia o que fazer. Primeiro não queria ir ao casamento, mas não podia resistir à

curiosidade de ver a jovem rainha. No momento em que entrou no salão, reconheceu Branca de Neve e ficou tão apavorada que nem conseguiu se mexer. Mas já tinham mandado botar dois sapatinhos de ferro na brasa. Alguém os tirou de lá com umas tenazes e os pôs diante dela, que foi obrigada a calçar os sapatinhos em brasa e dançar até cair morta.

ANEXO 5 - A Bela Adormecida

Era uma vez, há muito tempo, um rei e uma rainha jovens, poderosos e ricos, mas pouco felizes, porque não tinham concretizado maior sonho deles: terem filhos.

— Se pudéssemos ter um filho! — suspirava o rei.

— E se Deus quisesse, que nascesse uma menina! — animava-se a rainha.

— E por que não gêmeos? — acrescentava o rei.

Mas os filhos não chegavam, e o casal real ficava cada vez mais triste. Não se alegravam nem com os bailes da corte, nem com as caçadas, nem com os gracejos dos bufões, e em todo o castelo reinava uma grande melancolia.

Mas, numa tarde de verão, a rainha foi banhar-se no riacho que passava no fundo do parque real. E, de repente, pulou para fora da água uma rãzinha.

— Majestade, não fique triste, o seu desejo se realizará logo: Antes que passe um ano a senhora dará à luz uma menina.

E a profecia da rã se concretizou, e meses depois a rainha deu a luz a uma linda menina.

O rei, que estava tão feliz, deu uma grande festa de batizado para a pequena princesa que se chamava Aurora.

Convidou uma multidão de súditos: parentes, amigos, nobres do reino e, como convidadas de honra, as treze fadas que viviam nos confins do reino. Mas, quando os mensageiros iam saindo com os convites, o camareiro-mor correu até o rei, preocupadíssimo.

— Majestade, as fadas são treze, e nós só temos doze pratos de ouro. O que faremos? A fada que tiver de comer no prato de prata, como os outros convidados, poderá se ofender. E uma fada ofendida...

O rei refletiu longamente e decidiu:

— Não convidaremos a décima terceira fada — disse, resolutamente. — Talvez nem saiba que nasceu a nossa filha e que daremos uma festa. Assim, não teremos complicações.

Partiram somente doze mensageiros, com convites para doze fadas, conforme o rei resolvera.

No dia da festa, cada uma das fadas chegou perto do berço em que dormia a princesa Aurora e ofereceu à recém-nascida um presente maravilhoso.

— Será a mais bela moça do reino — disse a primeira fada, debruçando-se sobre o berço.

— E a de caráter mais justo — acrescentou a segunda.

— Terá riquezas a perder de vista — proclamou a terceira.

— Ninguém terá o coração mais caridoso que o seu — afirmou a quarta.

— A sua inteligência brilhará como um sol — comentou a quinta.

Onze fadas já tinham passado em frente ao berço e dado a pequena princesa um dom; faltava somente uma (entretida em tirar uma mancha do vestido, no qual um garçom desajeitado tinha virado uma taça de sorvete) quando chegou a décima terceira, aquela que não tinha sido convidada por falta de pratos de ouro.

Estava com a expressão muito sombria e ameaçadora, terrivelmente ofendida por ter sido excluída. Lançou um olhar maldoso para a princesa Aurora, que dormia tranquila, e disse: — Aos quinze anos a princesa vai se ferir com o fuso de uma roca e morrerá.

E foi embora, deixando um silêncio desanimador e os pais desesperados.

Então aproximou-se a décima segunda fada, que devia ainda oferecer seu presente.

— Não posso cancelar a maldição que agora atingiu a princesa. Tenho poderes só para modificá-la um pouco. Por isso, Aurora não morrerá; dormirá por cem anos, até a chegada de um príncipe que a acordará com um beijo.

Passados os primeiros momentos de espanto e temor, o rei, decidiu tomar providências, mandou queimar todas as rocas do reino. E, daquele dia em diante, ninguém mais fiava, nem linho, nem algodão, nem lã. Ninguém além da torre do castelo.

Aurora crescia, e os presentes das fadas, apesar da maldição, estavam dando resultados. Era bonita, boa, gentil e caridosa, os súditos a adoravam.

No dia em que completou quinze anos, o rei e a rainha estavam ausentes, ocupados numa partida de caça. Talvez, quem sabe, em todo esse tempo tivessem até esquecido a profecia da fada malvada.

A princesa Aurora, porém, estava se aborrecendo por estar sozinha e começou a andar pelas salas do castelo. Chegando perto de um portãozinho de ferro que dava acesso à parte de cima de uma velha torre, abriu-o, subiu a longa escada e chegou, enfim, ao quartinho.

Ao lado da janela estava uma velhinha de cabelos brancos, fiando com o fuso uma meada de linho. A garota olhou, maravilhada. Nunca tinha visto um fuso.

— Bom dia, vovozinha.

— Bom dia a você, linda garota.

— O que está fazendo? Que instrumento é esse?

Sem levantar os olhos do seu trabalho, a velhinha respondeu com ar bonachão:

— Não está vendo? Estou fiando!

A princesa, fascinada, olhava o fuso que girava rapidamente entre os dedos da velhinha.

— Parece mesmo divertido esse estranho pedaço de madeira que gira assim rápido. Posso experimentá-lo também? Sem esperar resposta, pegou o fuso. E, naquele instante, cumpriu-se o feitiço. Aurora furou o dedo e sentiu um grande sono. Deu tempo apenas para deitar-se na cama que havia no aposento, e seus olhos se fecharam.

Na mesma hora, aquele sono estranho se difundiu por todo o palácio.

Adormeceram no trono o rei e a rainha, recém-chegados da partida de caça.

Adormeceram os cavalos na estrebaria, as galinhas no galinheiro, os cães no pátio e os pássaros no telhado.

Adormeceu o cozinheiro que assava a carne e o servente que lavava as louças; adormeceram os cavaleiros com as espadas na mão e as damas que enrolavam seus cabelos.

Também o fogo que ardia nos braseiros e nas lareiras parou de queimar, parou também o vento que assobiava na floresta. Nada e ninguém se mexia no palácio, mergulhado em profundo silêncio.

Em volta do castelo surgiu rapidamente uma extensa mata. Tão extensa que, após alguns anos, o castelo ficou oculto.

Nem os muros apareciam, nem a ponte levadiça, nem as torres, nem a bandeira hasteada que pendia na torre mais alta.

Nas aldeias vizinhas, passava de pai para filho a história da princesa Aurora, a bela adormecida que descansava, protegida pelo bosque cerrado. A princesa Aurora, a mais bela, a mais doce das princesas, injustamente castigada por um destino cruel.

Alguns cavalheiros, mais audaciosos, tentaram sem êxito chegar ao castelo. A grande barreira de mato e espinheiros, cerrada e impenetrável, parecia animada por vontade própria: os galhos avançavam para cima dos coitados que tentavam passar: seguravam-nos, arranhavam-nos até fazê-los sangrar, e fechavam as mínimas frestas.

Aqueles que tinham sorte conseguiam escapar, voltando em condições lastimáveis, machucados e sangrando. Outros, mais teimosos, sacrificavam a própria vida.

Um dia, chegou nas redondezas um jovem príncipe, bonito e corajoso. Soube pelo bisavô a história da bela adormecida que, desde muitos anos, tantos jovens a procuravam em vão alcançar.

— Quero tentar também — disse o príncipe aos habitantes de uma aldeia pouco distante do castelo.

Aconselharam-no a não ir. — Ninguém nunca conseguiu!

— Outros jovens, fortes e corajosos como você, falharam...

— Alguns morreram entre os espinheiros...

— Desista!

Muitos foram, os que tentarem desanimá-lo.

No dia em que o príncipe decidiu satisfazer a sua vontade se completavam justamente os cem anos da festa do batizado e das predições das fadas. Chegara, finalmente, o dia em que a bela adormecida poderia despertar.

Quando o príncipe se encaminhou para o castelo viu que, no lugar das árvores e galhos cheios de espinhos, se estendiam aos milhares, bem espessas, enormes carreiras de flores perfumadas. E mais, aquela mata de flores cheirosas se abriu diante dele, como para encorajá-lo a prosseguir; e voltou a se fechar logo, após sua passagem.

O príncipe chegou em frente ao castelo. A ponte elevadiça estava abaixada e dois guardas dormiam ao lado do portão, apoiados nas armas. No pátio havia um grande número de cães, alguns deitados no chão, outros encostados nos cantos; os cavalos que ocupavam as estrebarias dormiam em pé.

Nas grandes salas do castelo reinava um silêncio tão profundo que o príncipe ouvia sua própria respiração, um pouco ofegante, ressoando naquela quietude. A cada passo do príncipe se levantavam nuvens de poeira.

Salões, escadarias, corredores, cozinha... Por toda parte, o mesmo espetáculo: gente que dormia nas mais estranhas posições.

O príncipe perambulou por longo tempo no castelo. Enfim, achou o portãozinho de ferro que levava à torre, subiu a escada e chegou ao quartinho em que dormia A princesa Aurora.

A princesa estava tão bela, com os cabelos soltos, espalhados nos travesseiros, o rosto rosado e risonho. O príncipe ficou deslumbrado. Logo que se recobrou se inclinou e deu-lhe um beijo.

Imediatamente, Aurora despertou, olhou par ao príncipe e sorriu.

Todo o reino também despertara naquele instante.

Acordou também o cozinheiro que assava a carne; o servente, bocejando, continuou lavando as louças, enquanto as damas da corte voltavam a enrolar seus cabelos.

O fogo das lareiras e dos braseiros subiu alto pelas chaminés, e o vento fazia murmurar as folhas das árvores. A vida voltara ao normal. Logo, o rei e a rainha correram à procura da filha e, ao encontrá-la, chorando, agradeceram ao príncipe por tê-la despertado do longo sono de cem anos.

O príncipe, então, pediu a mão da linda princesa em casamento que, por sua vez, já estava apaixonada pelo seu valente salvador.

Eles, então, se casaram e viveram felizes para sempre!

ANEXO 6 - Cinderela (Irmãos Grimm)

Era uma vez um homem muito rico, cuja mulher adoeceu. Esta, quando sentiu o fim aproximar-se, chamou a sua única filha à cabeceira e disse-lhe com muito amor:

-Amada filha, continua sempre boa e piedosa. O amor de Deus há de acompanhar-te sempre. Lá do céu velarei sempre por ti.

E dito isto, fechou os olhos e morreu.

A menina ia todos os dias para junto do túmulo da mãe chorar e regar a terra com suas lágrimas. E continuou boa e piedosa. Quando o inverno chegou, a neve fria e gelada da Europa cobriu o túmulo com um manto branco de neve. Quando o sol da primavera o derreteu, o seu pai casou-se com uma mulher ambiciosa e cruel que já tinha duas filhas parecidas com ela em tudo.

Mal se cruzou com elas a pobre órfã percebeu que nada de bom podia esperar delas, pois logo que a viram disseram-lhe com desprezo:

- O que é que esta moleca faz aqui? Vai para a cozinha, que é lá o teu lugar!!!

E a madrasta acrescentou:

- Têm razão, filhas. Ela será nossa empregada e terá que ganhar o pão com o seu trabalho diário.

Tiraram-lhe os seus lindos vestidos, vestiram-lhe um vestido muito velho e deram-lhe tamancos de madeira para calçar.

- E agora já para a cozinha! - disseram elas, rindo.

E, a partir desse dia, a menina passou a trabalhar arduamente, desde que o sol nascia até altas horas da noite: ia buscar água ao poço, acendia a lareira, cozinhava, lavava a roupa, costurava, esfregava o chão...

À noite, extenuada de trabalho, não tinha uma cama para descansar. Deitava-se perto da lareira, junto ao borralho (cinzas), razão pela qual puseram-lhe o apelido de Gata Borralheira.

Os dias se passavam e a sorte da menina não se alterava. Pelo contrário, as exigências da madrasta e das suas filhas eram cada vez maiores.

Um dia, o pai ia para a cidade e perguntou às duas enteadas o que queriam que ele lhes trouxesse.

- Lindos vestidos - disse uma.

- Joias - disse a outra.
- E tu, filhinha, Gata Borralheira, o que queres? - perguntou-lhe o pai.
- Um ramo verde da primeira árvore que encontrares no caminho de volta.

Terminada a compra, ele comprou os vestidos para as enteadas e as jóias que tinham pedido e no caminho de regresso cortou para a filha um ramo da primeira árvore que encontrou. De uma Oliveira.

Ao chegar em casa, deu às enteadas o que lhe tinham pedido e entregou à filha um galho de oliveira, árvore que produz azeitonas. Ela correu para junto do túmulo da mãe, enterrou o ramo na terra e chorou tanto que as lágrimas o regaram. Começou a crescer e tornou-se uma bela árvore.

A menina continuou a visitar o túmulo da mãe todos os dias e certa vez ouviu uma bonita pomba branca dizer-lhe:

- Não chores mais, minha querida. Lembra-te que, a partir de agora, cumprirei todos os teus desejos.

Pouco depois o rei anunciou a todo o reino que ia dar uma festa durante três dias para a qual estavam convidadas todas as jovens que queriam casar-se, a fim de que o príncipe herdeiro pudesse escolher a sua futura esposa.

Imediatamente as duas filhas da madrasta chamaram a Gata Borralheira e disseram-lhe:

- Penteia-nos e veste-nos, pois temos que ir ao baile do príncipe para que ele possa escolher qual de nós duas será a sua esposa.

A Gata Borralheira obedeceu humildemente. Mas quando viu as duas luxuosamente vestidas, desatou a chorar e suplicou à madrasta que também a deixasse ir ao baile.

- Ao baile, tu??? - respondeu ela - Já te olhaste ao espelho?

A madrasta, face à insistência da Gata Borralheira, acrescentou, ao mesmo tempo que atirava um pote de lentilhas para as cinzas:

- Está bem! Se separares as lentilhas em duas horas, irás conosco.

A menina saiu para o jardim a chorar e lembrando-se do que a pomba lhe tinha dito, expressou o seu primeiro desejo:

- Dócil pombinha, rolinhas e todos os passarinhos do céu, venham ajudar-me a separar as lentilhas.

- Os grãos bons no prato, e os maus no papo.

Duas pombinhas brancas, seguidas de duas rolinhas e de uma nuvem de passarinhos entraram pela janela da cozinha, e começaram a bicar as lentilhas. E muito antes de terminarem as duas horas concedidas, separaram as lentilhas. Entusiasmada, a menina foi mostrar à madrasta o prato com as lentilhas escolhidas.

- Muito bem. – disse a madrasta, com ironia - Mas que vestido vais usar? E além disso, tu não sabes, dançar. Será melhor ficares em casa.

Desconsolada, a Gata Borralheira começou a chorar, ajoelhou-se aos pés da madrasta e voltou a suplicar-lhe que a deixasse ir ao baile.

- Está bem. - disse ela com cinismo - Dou-te outra oportunidade.

E voltou a espalhar dois potes de lentilhas sobre as cinzas.

- Se conseguires escolher as lentilhas numa hora, irás ao baile.

A doce menina saiu a correr para o jardim e gritou:

- Dóceis pombinhos, rolinhas e todos os passarinhos do céu, venham ajudar-me a separar as lentilhas.

- Os grãos bons no prato, e os ruins no papo.

De novo, duas pombas brancas entraram pela janela da cozinha, depois as pequenas rolas e um bando de passarinhos, e pic-pic-pic escolheram-nas e voaram para sair por onde entraram.

A menina logo correu e mostrou à madrasta as lentilhas escolhidas, mas de nada lhe serviu.

- Deixa-me em paz com as tuas lentilhas! Vais ficar em casa e pronto! Ponto final! E cest fini. pronuncia-se: Cé finí).

Virou-lhe as costas e chamou as filhas.

Quando já não havia ninguém em casa, a Gata Borralheira foi junto ao túmulo da mãe, debaixo da oliveira, e gritou:

- Arvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para eu me vestir.

A pomba que lhe tinha oferecido ajuda, apareceu sobre um ramo e, estendendo as asas, transformou os seus farrapos num lindíssimo vestido de baile e os seus tamancos em luxuosos sapatos bordados a ouro e prata.

Quando entrou no salão de baile, todos os presentes se admiraram perante tamanha beleza. Mas as mais surpreendidas foram as duas filhas da madrasta que estavam convencidas que seriam as mais belas da festa. Porém, nem elas, nem a madrasta ou o pai reconheceram a Gata Borralheira.

O príncipe ficou fascinado ao vê-la. Tomou-a pela mão e os dois começaram o baile. Durante toda a noite esteve ao seu lado e não permitiu que mais ninguém dançasse com ela.

Chegado o momento de se despedirem, o príncipe ofereceu-se para acompanhá-la, pois ardia de desejo por saber quem era aquela jovem e onde morava. Mas ela deu uma desculpa para se retirar por momentos e aproveitou para abandonar o palácio a correr e deixar em baixo de uma árvore o seu formoso vestido e os sapatos.

A pomba, que estava à sua espera, pegou neles com as suas patinhas e desapareceu na escuridão da noite. Ela vestiu o vestido cinzento, o avental e os tamancos e, como de costume, deitou-se junto à chaminé e adormeceu. No dia seguinte, quando se aproximou a hora do início do segundo baile, esperou até ouvir partir a carruagem e correu para junto da árvore:

- Arvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para me vestir.

E de novo apareceu a pomba e a vestiu com um vestido ainda mais lindo que o da noite anterior e calçou-lhe uns sapatos que pareciam de ouro puro. A sua aparição no palácio causou sensação maior ainda do que da primeira vez. O próprio príncipe, que a esperava impaciente, sentiu-se ainda mais deslumbrado. Pegou-lhe na mão e, de novo, dançou com ela toda a noite.

Ao chegar a hora da despedida, o príncipe voltou a oferecer-se para acompanhá-la, mas ela insistiu que preferia voltar sozinha para casa. Mas desta vez o príncipe seguiu-a. De repente, parecia que tinha sido engolida pelo chão. Em vez de entrar em casa, a jovem Gata Borralheira, de vergonha, escondeu-se atrás de uma frondosa oliveira que havia no jardim. O príncipe continuou a procurá-la pelas redondezas, até que decepcionado regressou ao palácio.

A Gata Borralheira abandonou então o seu esconderijo, e quando a madrasta e as filhas chegaram ela já tinha tirado as vestes faustosas (bonitas) e posto os seus trapos velhos.

No terceiro dia, quando o pai fustigou o cavalo e a carruagem se afastou com a sua esposa e filhas, a menina aproximou-se de novo da árvore e disse:

- Arvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para me vestir.

E a pomba, uma vez mais, trouxe-lhe um vestido de sonho, de seda com aplicações de suntuoso chale e uns sapatos bordados a ouro para os seus

pequenininhos e delicados pés. E depois, colocou-lhe sobre os ombros uma capa de veludo dourado.

Quando entrou no salão de baile, a belíssima Gata Borralheira foi recebida com uma exclamação de assombro por parte de todos os presentes.

O príncipe apressou-se a beijar-lhe a mão e a abrir o baile, não se separando dela toda a noite.

Pouco antes da meia-noite, a jovem despediu-se do príncipe e pôs-se a correr. O príncipe não conseguiu alcançá-la mas encontrou na escadaria uns sapatinhos dourados que ela tinha perdido durante a sua precipitada fuga. Apanhou-o e apertou-o contra o coração.

Na manhã seguinte, mandou os seus mensageiros difundirem por todo o reino que se casaria com aquela que conseguisse calçar o precioso sapato.

Depois de todas as princesas, duquesas e condessas o terem inutilmente experimentado, ordenou aos seus emissários que o sapato fosse provado por todas as jovens, qualquer que fosse a sua condição social e financeira.

Quando chegaram à casa onde vivia a Gata Borralheira, a irmã mais velha insistiu que devia ser ela a primeira a experimentar e, acompanhada pela mãe que já a imaginava rainha, subiu ao quarto, convencida que lhe servia. Mas o seu pé era demasiado grande. Então a mãe, furiosa, obrigou-a a calçá-lo à força, dizendo-lhe:

- Embora te aperte agora, não te preocupes. Pensa que em breve serás rainha e não terás que andar a pé nunca mais.

A jovem disfarçou a dor que sentia e subiu para a carruagem, apresentando-se diante do filho do rei.

Embora ele tenha notado de imediato que aquela não era a bela desconhecida que conhecera no baile, teve que considerá-la como sua prometida. Montou-a no seu cavalo e foram juntos dar um passeio. Mas, ao passar diante de uma frondosa árvore, viu sobre os seus ramos duas pombas brancas que o advertiram:

- Olha para o pé da donzela, e verás que o sapato não é dela...

O príncipe desmontou e tirou-lhe o sapato. E ao ver como o pé estava roxo e inchado, percebeu que tinha sido enganado. Voltou à casa e ordenou que a outra irmã experimentasse o sapato.

A irmã mais nova subiu ao quarto, acompanhada da mãe, e tentou calçá-lo. Mas o seu pé também era demasiado grande.

E a mãe obrigou-a a calçá-lo à força, dizendo-lhe:

- Embora te aperte agora, não te preocupes. Pensa que em breve serás rainha e não terás que andar a pé nunca mais.

A filha obedeceu, enfiou o pé no sapato e, dissimulando a dor, apresentou-se ao príncipe que, apesar de ver que ela não era a bela desconhecida do baile, teve que considerá-la como sua prometida. Montou-a no seu cavalo e levou-a a passear pelo mesmo sítio onde levara a sua irmã. Ao passar diante da árvore onde estavam as duas pombas, ouviu-as de novo adverti-lo:

- Olha para o pé da donzela, e verás que o sapato não é dela...

O príncipe tirou-lhe o sapato e ao ver que tinha o pé ainda mais inchado que a irmã, percebeu que também ela o tinha enganado.

- Aqui vos trago esta impostora. E dai graças a Deus por não ordenar que sejam castigadas. Mas se ainda tendes outra filha, estou disposto a dar-vos nova oportunidade e eu mesmo lhe calçarei o sapato.

- Não. Não temos mais filhas - disse a madrasta.

Mas o pai acrescentou:

- Bem, a verdade é que tenho uma filha do meu primeiro casamento, a qual vive conosco. É ela que faz a limpeza da casa e por isso anda sempre suja. É a Gata Borralheira.

- As minhas ordens dizem que todas as jovens sem exceção devem experimentar o sapato. Tragam-na à minha presença. Eu mesmo lho calçarei.

A Gata Borralheira tirou um dos pesados tamancos e calçou o sapato sem o menor esforço. Coube-lhe perfeitamente.

O príncipe, maravilhado, olhou bem para ela e reconheceu a formosa donzela com quem tinha dançado.

- A minha amada desconhecida! - exclamou ele - Só tu serás minha dona e senhora.

O príncipe, radiante de felicidade, sentou-a ao seu lado no cavalo e tomou o mesmo caminho por onde tinha ido com as duas impostoras. Pouco depois, ao aproximar-se da árvore onde estavam as pombas, ouviu-as dizer:

- Continua, Príncipe, a tua cavalgada, pois a dona do sapato já foi encontrada.

As pombas pousaram sobre os ombros da jovem e os seus farrapos transformaram-se no deslumbrante vestido que ela tinha levado ao último baile.

Chegaram ao palácio e de imediato foi celebrado o casamento. Quando os habitantes do reino souberam da forma como o amado e desnaturado pai, a madrasta e as duas filhas tinham tratado aquela que agora era a sua adorada princesa, começaram a desprezá-los de tal modo que eles tiveram que abandonar o país.

A princesa, fiel à promessa feita à mãe, continuou a ser piedosa e bondosa como sempre e continuou a visitar o seu túmulo e a orar debaixo da árvore, testemunha de tantas dores e alegrias.

ANEXO 7 – LITERATURA INFANTIL DISPONÍVEL NA ESCOLA

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS CRIANÇAS

1) VOCÊ GOSTA DE LER?

() SIM () NÃO

2) GOSTA DE OUVIR HISTÓRIAS?

() SIM () NÃO

3) GOSTA DE CONTAR HISTÓRIAS?

() SIM () NÃO

4) QUAIS OS TIPOS DE HISTÓRIAS QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

() TERROR () ENGRAÇADAS () LENDAS

() PRÍNCIPES E PRINCESAS () BRUXAS E FADAS

() OUTRAS

5) VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM CONTOS DE FADAS?

() SIM () NÃO

6) DOS CONTOS DE FADAS ABAIXO, QUAIS VOCÊ CONHECE?

() RAPUNZEL () A BELA E A FERA

() JOÃO E MARIA () A PRÍNCIPE SAPO

() CHAPEUZINHO VERMELHO () OUTRO